



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

SAMARA FILISMINO DE LIMA

**CÁLICE, AFASTA DE MIM ESTE CÁLICE:
O ENSINO DE SOCIOLOGIA, A FORMAÇÃO DOCENTE
E A APRENDIZAGEM**

**SUMÉ - PB
2017**

SAMARA FILISMINO DE LIMA

**CÁLICE, AFASTA DE MIM ESTE CÁLICE:
O ENSINO DE SOCIOLOGIA, A FORMAÇÃO DOCENTE
E A APRENDIZAGEM**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais.

Orientador: Professor Dr. Wallace Gomes Ferreira de Souza.

**SUMÉ - PB
2017**

L732c Lima, Samara Filismino de.
Cálice, afasta de mim este cálice: o ensino de sociologia, a formação docente e a aprendizagem. / Rodolfo Antonino Leão. Sumé - PB: [s.n], 2017.

66 f.

Orientador: Professora Dr. Wallace Gomes Ferreira de Souza.

Monografia - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de Licenciatura em Ciências Sociais.

1. Ensino de sociologia. 2. Didática e sociologia. 3. Aprendizagem em sociologia. I. Título.

CDU: 316:37(043.1)

SAMARA FILISMINO DE LIMA

**CÁLICE, AFASTA DE MIM ESTE CÁLICE:
O ENSINO DE SOCIOLOGIA, A FORMAÇÃO DOCENTE
E A APRENDIZAGEM**

**Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura em Ciências Sociais do
Centro de Desenvolvimento Sustentável
do Semiárido da Universidade Federal de
Campina Grande, como requisito parcial
para obtenção do título de Licenciada em
Ciências Sociais.**

BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Wallace Gomes Ferreira de Souza
(Orientador – UFCG/CDSA/UAC!S)



Profa. Ma. Denise Xavier Torres
(Examinadora Titular Interna – UFCG/CDSA/UAEDUC)



Prof. Me. Filipe Gervásio Pinto da Silva
(Examinador Titular Interno – UFCG/CDSA/UAEDUC)

Trabalho aprovado em: 21 de setembro de 2017.

SUMÉ - PB

AGRADECIMENTOS

Em um primeiro momento quero agradecer a Deus pela minha espiritualidade que me deu forças para seguir até aqui. Aos meus pais, Daguia e Inácio por acreditarem na minha capacidade e perseverança, principalmente meu pai a quem tenho como ser humano mais amoroso, que me escuta nos momentos de alegrias e aflições.

Aos irmãos Aparecida e Cícero que tanto me apoiaram nesta caminhada, toda vez que tocamos no assunto, estudo, olham para mim como referência, mas a troca é mútua, pois ambos são minhas referências de amor fraternal. A todos os meus familiares que é uma lista extensa, mas cito meu avô Miguel e tia Domitila a quem tenho dedicação para o resto de minha vida.

Agradeço a todos os mestres por todos os ensinamentos dados ao longo de minha vida.

Ao meu orientador Wallace pela paciência que teve, ao longo desse tempo. Aprendi como orientanda e companheira de luta nas causas sociais que a mudança só acontece quando nos colocamos no lugar do outro. Agradeço por me mostrar que relativizar as relações humanas é importante para construir a ideia do coletivo.

Agradeço a companhia de Amélia que desde o ensino fundamental vem sendo como uma irmã. Juntas enfrentamos dificuldades, conquistas, erros, acertos, aprendizado acadêmico e crescimento pessoal enquanto ser humano. Temos uma particularidade que é só nossa, nós duas viemos pra esse universo acadêmico sabendo que no meio do caminho haveriam pedras, pedras muito maiores do que aquelas que encontramos lá no nosso passado, hoje com uma pequena bagagem de aprendizado sobre a vida enxergamos que essas pedras foram nossos degraus para essas e outras conquistas.

Agradeço a meu namorado pelo tempo de ausência e pela paciência com o estresse que muitas vezes o fiz passar!

Ao Projeto do PIBID e Professor Rozenval de Almeida pela oportunidade e ensinamentos sobre ensino.

A todos que participaram de forma direta e indireta desta pesquisa.

Aos residentes e amigos que me acolheram como irmã, especialmente Tuane, Mércia Íris, Dany, Micilene, Amanda, Roger, Daniel, Nyanne, Rony, Eduardo, Augusto.

Aos amigos que amo muito: Denis parceiro das caronas e dos conselhos, Anessa e Milena duas baladeiras que me fizeram ver a vida mais colorida, longe dos rótulos, Diones por me mostrar que sempre somos capazes de mudar a realidade através da criatividade, Maria Cardoso e Cristina pela amizade sincera.

À todos muito obrigada!

Há quem diga que o detalhe do esforço vem com o tempo, eu digo: se não o tiveres antes que as oportunidades apareçam a causa que te move será em vão...

(Samara Filismino)

... assim, dedico este trabalho, aos meus pais e irmãos:

Inácio: Fonte de luz

Daguia: Serenidade

Aparecida e Cícero: Alegrias

[...] A [aula] é dança e dança é alegria.

Dança, pois, teu desespero, dança.

Tua miséria, teus arrebatamentos,

Teus júbilos

E,

Mesmo que temas imensamente a Deus,

Dança como David diante da Arca da Aliança;

Mesmo que temas imensamente a morte

Dança diante da tua cova.

Tece coroas de [palavras]

Enquanto a [aula] não termina

A [palavra] é como uma esperança

Que eternamente se renova. [...]

(Mário Quintana, Sousa Neto)

RESUMO

O presente trabalho objetiva analisar o Ensino de Sociologia no Ensino Médio, quais os métodos e didáticas utilizadas pelo docente e o impacto que produz no aprendizado dos educandos, isto é, uma análise sobre os modos de ensinar e os sentidos da aprendizagem, tomando como base o conceito de imaginação sociológica e a construção da autonomia. Para o levantamento de dados utilizamos a técnica de entrevistas para os docentes, e o grupo focal para os discentes, como análise dos dados recorreremos ao método de análise do discurso, cuja suas raízes encontra-se no campo qualitativo. Como resultado da pesquisa pode-se perceber que o desafio para a aprendizagem do educando está no modo como o docente se relaciona com a disciplina, com os estudantes, se ele entende o papel/natureza da Sociologia também entende que a prática educativa deve ser realizada como um movimento dialógico aberto às várias possibilidades didáticas e metodológicas que poderão desenvolver autonomia e reflexão na vida dos jovens.

Palavras – Chave: Ensino de Sociologia. Didática. Aprendizagem.

ABSTRACT

This work aims to analyze the teaching of Sociology in high school, the methods and didactics used by the professors and the impact that it produces in the students' learning, that is, an analysis on the ways of teaching and the meanings of learning, based on the concept of sociological imagination and the construction of autonomy. For data collection it was used the technique of interviews for the professors and the focus group for the students, as data analysis we resort to the method of discourse analysis whose roots lie in the qualitative field. As a result of the research it can be seen that the challenge for the learner's learning is in the way the professor relates to the school subject, with the students, if he/she understands the role/nature of Sociology, and also understands that the educational practice should be performed as an open dialogical movement to the various didactic and methodological possibilities that can develop autonomy and reflection in young people's lives.

Keywords: Teaching Sociology. Teaching. Learning.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Estudos de Sociologia.

Quadro 02 - Cursos de Graduação em Ciências Sociais Brasil 1936-1978 e HOJE?

Quadro 03 - A Sociologia no contexto das reformas educacionais – 1949/2002.

Quadro 04 - Percepção do professor em relação às condições bibliográficas da biblioteca da escola onde atua.

Quadro 05 - Uso do Laboratório de Informática nas aulas de Sociologia

Quadro 06 - Uso de músicas nas aulas de Sociologia.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	A SOCIOLOGIA DO ENSINO SUPERIOR À EDUCAÇÃO BÁSICA	15
2.1	APONTAMENTOS SOBRE O PERCURSO DA INSTITUCIONALIZAÇÃO DA SOCIOLOGIA.....	15
2.2	O CENÁRIO DO REGIME MILITAR E A PECULIARIDADE DA SOCIOLOGIA.....	21
2.3	O PÓS- REGIME MILITAR E A OBRIGATORIEDADE DA SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO.....	27
3	PROFESSORES DE SOCIOLOGIA: FORMAÇÃO, ATUAÇÃO PROFISSIONAL E DIDÁTICA	29
3.1	ENSINO E DIDÁTICA: REFLEXÕES NECESSÁRIAS A FORMAÇÃO DOCENTE.....	29
3.2	MANEIRAS DE ENSINAR: A SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO.....	32
3.3	PERFIL DO PROFESSOR DE SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO.....	34
4	É CHATO OU INTERESSANTE AS AULAS DE SOCIOLOGIA?	39
4.1	OS SENTIDOS DE MEDIAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA.....	39
4.2	POLIFONIA DO DISCURSO.....	41
4.2.1	Os discursos dos meus sujeitos.....	42
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
	REFERÊNCIAS.....	59
	APÊNDICES.....	62

1 INTRODUÇÃO

É verdade que existe uma multidão de fenômenos sociais que se produzem em toda extensão da sociedade, no entanto, tomam formas diversas segundo as regiões, profissões, confissões, etc (DURKHEIM, 1978). Tomar a educação como fenômeno social exige, assim como outros fenômenos sociais precauções reais com a finalidade de compreender as partes envolvidas que a compõe, a postura deve ser a mais cautelosa possível antes e posterior à análise dos dados.

O fenômeno da educação dentro das concepções da Constituição Federal Brasileira de 1988, Cap. III Art. 205/214 toma como objetivo principal o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho. Nesse viés uma educação mais abrangente capaz de instruir no indivíduo autonomia enquanto sujeito. Dito isso, a Sociologia como componente curricular do Ensino Médio vem sendo apresentada nos documentos oficiais como Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCN), Parâmetro Curricular Nacional (PCN) e Base Nacional Comum Curricular (BNCC) sob o mantra do paradigma da “formação crítica do cidadão” baseando-se em princípios estéticos, políticos e éticos.

A obrigatoriedade da Sociologia no Ensino Médio é recente, data de 2008, e seu passado nos revela caminhos de luta. Na verdade, a Sociologia como ciência sempre foi marcada pelo debate e levada ao confronto de interpretações, pois é antes de tudo, um produto da modernidade e como tal está destina ao múltiplo (GUIMARÃES NETO et al., 2012). Nesse contexto recente a Sociologia coloca-se como objetivo a introdução dos princípios da ciência aos jovens do Ensino Médio. Portanto, surge a necessidade de quem leciona o componente curricular Sociologia de aprofundar as reflexões em torno do ensinar, mediar e avaliar os estudantes, compreendendo estas dimensões como parte fundamental da aprendizagem, elemento primordial para legitimar sua permanência como disciplina no currículo básico.

O conhecimento sociológico está atrelado a discussões e debates, logo, aborda uma reflexão mais crítica sobre os fenômenos sociais para os alunos, nesse sentido torna-se fundamental a crítica e reconstrução de metodologias que auxiliem durante o percurso do ensino/aprendizagem (GUIMARÃES NETO et al., 2012). É importante perceber como o entendimento acerca do papel/natureza da Sociologia pode ser revelado quando o professor está atento a tudo que envolve a sala de aula, nela as sistematizações das práticas pedagógicas desembocam e possibilitam mudanças, autenticidade, e dinâmica.

Segundo as OCN (2006) não há um número considerável de pesquisas referente a questão de conteúdos, metodologias, recursos de ensino, didáticas da Sociologia no Ensino Médio brasileiro, no entanto, há um número expressivo em relação ao tema do processo de institucionalização da disciplina a nível acadêmico. Entendendo, assim, a relevância de investigações neste campo, o qual necessita de mais pesquisas, reflexões didáticas e de metodologias adequadas para a formulação de explicações que nos indiquem os sentidos do Ensino de Sociologia no Ensino Médio, é que venho tomar como problema de pesquisa essa temática, cuja proposta foi pensada e estimulada durante minha inserção no curso de licenciatura de Ciências Sociais e participação em projeto acadêmico sobre docência.

A participação durante três anos no projeto acadêmico nomeado Programa Institucional de Iniciação a Docência (PIBID), promovido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal em Nível Superior (CAPES), no Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, UFCG/CDSA, Sumé-PB, me fez repensar o quão a disciplina de Sociologia no Ensino Médio carece de atrativos para desconstruir os clichês decorrente de sua intermitência. A vivência nesse projeto proporcionou experimentar na prática o arcabouço teórico acadêmico, estar na sala de aula do Ensino Médio mesmo sob o acompanhamento do docente titular da disciplina de Sociologia revelou no dia a dia, os impasses e implicações sobre ensino e aprendizagem que esta ciência apresenta. Partindo dessa perspectiva, o presente trabalho objetiva analisar como ocorre o ensino desta disciplina no Ensino Médio, etapa de finalização do ensino básico, quais os métodos e didáticas utilizadas pelo docente e o impacto que produz no aprendizado dos educandos. É uma pesquisa sobre os modos de ensinar, sobre as práticas para a criação de vínculos entre a Sociologia e os estudantes, proporcionando uma melhor compreensão das aulas de Sociologia no Ensino Médio a partir da identificação de marcas de impressão contidas no contexto e discurso dos docentes e discentes.

O campo de pesquisa no qual realizamos a análise sobre a prática de ensino da Sociologia em sala de aula foi Escola E.E. Integral José Gonçalves de Queiroz, da cidade de Sumé-PB e Escola E.E.F.M. Manoel Alves Campos, da cidade do Congo-PB. Para tanto, entrevistamos um docente de cada escola, sendo um com formação na área de Sociologia e outro com formação em Direito que também ministra aulas de Sociologia. Em outro momento foi realizado um grupo focal com doze estudantes, sendo seis de cada docente entrevistado, dois de cada série do Ensino Médio, no intuito de verificar suas opiniões, concepções a respeito do ensino e aprendizagem da disciplina, e para análise dos dados tomamos como base o método de Análise do Discurso (AD).

Na preparação das análises dos dados recorreremos a análise do discurso, que segundo Gregolin (1995) é um dos patamares do percurso de geração de sentido de um texto, recuperando o lugar onde o sujeito da enunciação se manifesta, tornando possível realizar uma análise interna (o que este texto ou essa fala diz? Como ela diz?) e uma análise externa (por que esse texto ou essa fala diz o que ela diz?, desse modo, a análise do discurso deve ser vista como objeto linguístico e objeto histórico, e um de seus aspectos é a materialidade ideológica.

De acordo com Boni e Quaresma (2005) a técnica de entrevistas abertas com finalidade exploratória deve ser utilizada quando o pesquisador se interessar em obter o maior número possível de informações sobre determinado tema. Costuma-se utilizar na descrição de casos individuais, categorias específicas de determinados grupos e comparabilidade de diversos casos. As perguntas devem permanecer dentro de uma conversa informal e interferência mínima do entrevistador, a interação com o entrevistado irá fluir através da confiança entre ambos, ou seja, quanto menos “violência simbólica” for exercida melhor a relação com a pesquisa.

Quanto ao Grupo Focal Solon Arida (2012) esclarece que o método se baseia em um dispositivo de discussão grupal para colher informações sobre determinado tema, o processo para obter dados emerge a partir do diálogo entre os participantes do grupo que variam entre 7 a 12 pessoas conduzido por um pesquisador ou por uma dupla de pesquisadores.

Gondim (2003) destaca que durante a Segunda Guerra Mundial esse método foi utilizado para examinar os efeitos das propagandas políticas, mais tarde na década de 80 passaram a desenvolver para entender atitudes de doentes, uso de contraceptivos e avaliação na interpretação das mensagens midiáticas. Trata-se de uma técnica que tem suas raízes no campo qualitativo, que permite consenso e dissenso dependendo das percepções que cada participante traz e expressa individualmente, também denominado de paradigma naturalista.

Norteadas sobre essas considerações a organização do texto está dividida em três capítulos: no primeiro capítulo apresentamos como a Sociologia chega ao Ensino Superior, seu contexto ligado a política os sujeitos envolvidos na evolução desta disciplina. Consideramos pertinente explorar que relevância os primeiros manuais didáticos de Sociologia tiveram para que em âmbito acadêmico e social viesse a ser reconhecida suas especificidades enquanto ciência, adentramos também no cenário do Regime Militar de 1964, que tornou intermitente o Ensino de Sociologia a nível médio e acelerou o processo de privatização do Ensino Superior desembocando em um período conturbado para autores dessa área.

Ainda no primeiro capítulo abordamos as implicações após a queda do Regime Militar, a luta pela obrigatoriedade e permanência da Sociologia nos currículos do ensino básico. Sua inclusão não foi um processo fácil dada as circunstâncias e situações políticas, muitos professores foram torturados e exilados do Brasil. A Sociologia por muito tempo foi vista como “ciência do Comunismo” aspecto que a fragmentou no campo da legitimidade curricular. É apenas no ano de 2008 e de forma gradativa que consegue sua inclusão como disciplina no Ensino Médio.

No segundo capítulo é tratamos da discussão sobre o perfil do professor de Sociologia do Ensino Médio brasileiro, através de dados secundários, bem como, das reflexões acerca do ensino e da didática. É problematizado a ideia de que o fazer e pensar pedagógico do docente deve ser compreendido como um movimento dialógico, sua ação não é isolada, portanto, professor e aluno são sujeitos ativos no processo do ensino-aprendizagem.

No terceiro capítulo são apresentadas as análises da pesquisa evidenciando a polifonia dos discursos dos sujeitos tomando como base de investigação das ações o conceito de *imaginação sociológica e construção da autonomia*. Ao considerar importante que o docente faça uma constante autoavaliação sobre sua prática, também estamos olhando para a percepção dos educandos cuja ação é orientada pela motivação e mobilização que o educador é capaz de proporcionar.

2 A SOCIOLOGIA DO ENSINO SUPERIOR À EDUCAÇÃO BÁSICA

Nada melhor para comprovar a importância da Sociologia do que se deter a alguns detalhes de sua história, analisar seu percurso no intuito de refletir sua inserção na educação, na literatura, na política, na sociedade. De um lado influências estendendo suas preocupações com questões sociais, e do outro a política que se refaz no interesse de classe e não do povo, há muito para ser dito, mas vamos nos deter a esse ponto: havia uma urgência de um pensamento intelectual para analisar, ou pelo menos, identificar os novos caminhos da sociedade brasileira, as Ciências Sociais, apesar dos impasses impulsionou e articulou importantes debates que contribuíram na sua organização disciplinar e sistema educacional de ensino superior e médio.

2.1 APONTAMENTOS SOBRE O PERCURSO DA INSTITUCIONALIZAÇÃO DA SOCIOLOGIA

Do ponto de vista histórico o desenvolvimento das Ciências Sociais no Brasil está intimamente ligada ao contexto social dos anos de 1930/50/60, no sentido que, durante esse espaço/tempo os acontecimentos em âmbito social e político tornaram-se visíveis aos olhos da população resultando em uma demasiada explosão de ideias e interpretações sobre o projeto de nação brasileira. O conhecimento sistemático e metódico da sociedade brasileira está presente nas obras: *A Cultura Brasileira* de Fernando de Azevedo, *Casa-Grande & Senzala* de Gilberto Freire, *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda, *Introdução á História da Literatura Brasileira* de Sílvio Romero, *A Integração do Negro na Sociedade de Classes* de Florestan Fernandes.

Chacon (2008) detalha uma discussão sobre a importância da Escola do Recife na formação das Ciências Sociais no Brasil, evidenciando a influência de Tobias Barreto e Sílvio Romero durante os anos de 1827 em diante com a criação das faculdades de Direito. Do ponto de vista do autor, Tobias Barreto expressando sua extensão e sinceridade do seu germanismo, isto é, propusera a evolução da cultura brasileira através do elemento da intelectualidade alemã, o que de fato, explicou não se tratar de copiar a Alemanha, apenas aceitar a intuição crítica para revigorar a nossa individualidade nacional, desencadeou na sua participação como professor na Faculdade de Direito do Recife deixando um legado de discípulos dispostos,

mais tarde, a se introduzirem nas novas faculdades e cursos, a exemplo, da Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais na capital Goiás, e Universidade Federal do Rio de Janeiro, na qual as cadeiras de filosofia política e ciência política receberam impulso.

No entanto, afirma Villas Bôas (2007) que é o ambiente Pós-Guerra e instalação do Estado Novo que coloca a frente os principais clássicos de nosso pensamento sociológico brasileiro citados anteriormente os quais possuía em sua maioria formação jurídica, de medicina e engenharia, sem treinamento específico em Ciências Sociais, mais tarde chamados de sociólogos anônimos.¹

A institucionalização acadêmica da Sociologia no Brasil ocorreu em meados da década de 1930, esta sociologia da década de 30 contribui dentro do campo da sociologia do conhecimento, das profissões e da produção intelectual, nas palavras de Villas Bôas (2007):

Não seria possível apontar o crescimento das Ciências Sociais no Brasil nos anos de 1945 a 1966, sem antes fazer referência às transformações econômicas sociais e políticas que, tendo início na década de 1930, marcaram a emergência de uma sociedade urbano-industrial (...). Nesse contexto de transformações, se inicia no Brasil a formação do cientista social, cujos os marcos são a criação da Escola Livre de Sociologia e Política, em 1933, e a da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, em 1934, na capital paulista. No Rio de Janeiro, após ser criada, a Universidade do Distrito Federal, em 1935, que interrompeu suas atividades em 1939, a Faculdade Nacional de Filosofia da antiga Universidade do Brasil, inicia seus cursos inclusive o de Ciências Sociais (VILLAS BÔAS, 2007, p. 27/28).

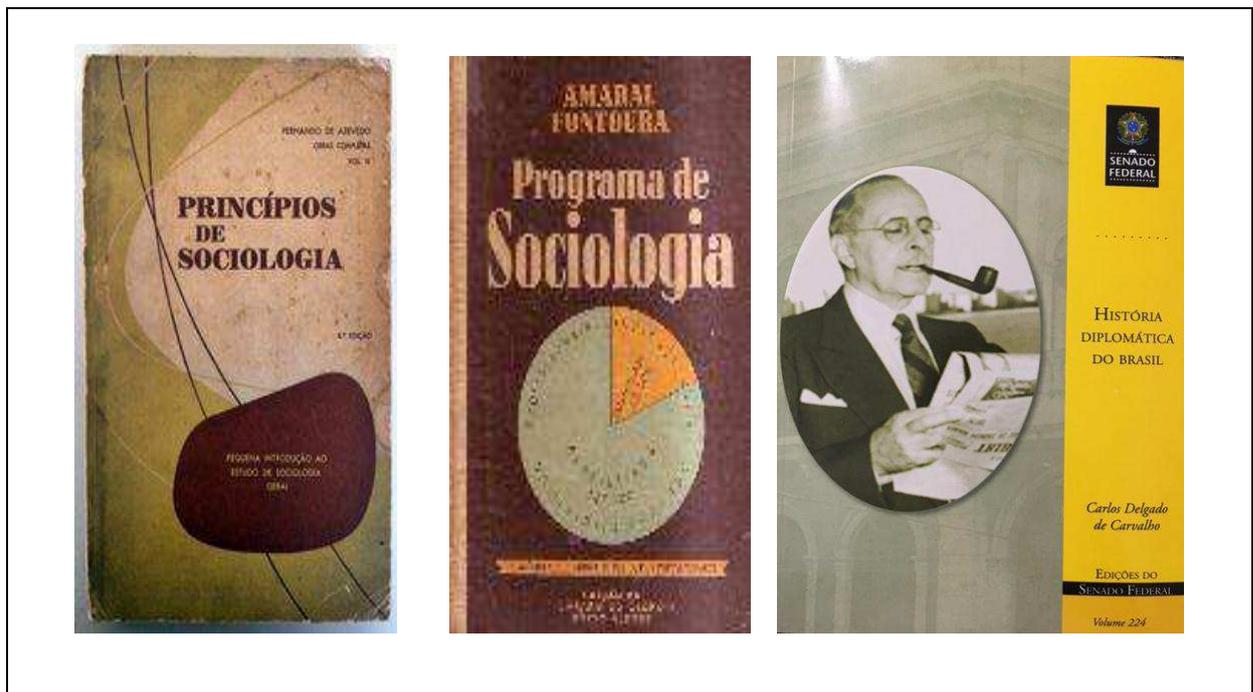
Pesquisas na área de Ciências Sociais, assim como as Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras foram se multiplicando pelos diferentes Estados, o estreito alargamento do ensino em nível superior proporcionou o desenvolvimento da Sociologia acadêmica e outras instituições foram sendo criadas com a finalidade de organizar cursos e centros para a obtenção de dados e elaboração de estudos sistemáticos sobre a identidade brasileira. Como efeito disso, podemos destacar mais de duas dezenas de livros didáticos de Sociologia editados no Brasil fruto da relação do ensino e da pesquisa conhecida como Sociologia Científica sob a égide do paradigma estrutural-funcionalista².

¹ Sem treinamento específico em ciências sociais esses autores buscaram compreender a realidade brasileira para então explicar os motivos do fracasso da República, a partir de suas críticas fizeram surgir o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova de 1932. O Manifesto trata a educação como um problema social, o que é um avanço para época, principalmente se lembrarmos de que a sociologia aplicada á educação era uma ciência nova. (FLORÊNCIO, 2004).

² Abordagem teórica antropológica defendida por Malinowski, Radcliffe-Brown, Evans-Pritchard, sendo a primeira formulação sistêmica do conceito aplicado ao estudo científico da sociedade por Emile Durkheim em 1895. O conceito estrutura e função é aplicado á sociedade humana baseando-se numa analogia entre a vida social e a vida orgânica, isto é, a sociedade é como um organismo composto por instituições (função) e relações (estrutura) que formam uma construção social (RADCLIFFE-BROWN, 1935).

Entre as publicações devem ser lembradas: “*Lições de sociologia educacional*, de Achilles Archero Junior; dos *Princípios de Sociologia*, de Fernando de Azevedo; *Sociologia (outros aspectos da filosofia universal: solução de problemas sociais)*, de Manuel Carlos; da *História Diplomática do Brasil*, de Delgado de Carvalho; do *Programa de sociologia*, de Amaral Fontoura; dos *Princípios de sociologia*, de Djacir de Menezes; dos *Elementos de sociologia para as escolas normais*, de Nelson Omegna (NOGUEIRA, 1979-81).

Imagens 01- Manuais de Sociologia produzidos na década de 1940/50



Fonte: <http://diplomattizando.blogspot.com.br>

O quadro 02 representa o compromisso dos elaboradores dos manuais com o ensino escolar, a disciplina sociológica corporificou novas tendências e não cessou seu desejo de mudar o país, ou pelo menos entendê-lo, para dar-lhe novo destino. Nesse sentido, os manuais abaixo representam o conjunto de iniciativas que realça as Ciências Sociais e sua entrada no sistema educacional em todos os níveis de ensino:

Quadro 01 - Estudos de Sociologia

Sequência	Ano	Manual/Autor	Níveis de Ensino para o qual foram elaborados
11	1934	Sociologia experimental, de Delgado de Carvalho.	Escolas Secundárias e Normais
12	1934	Elementos de Sociologia para escolas normais, de Nelson Omega.	Escolas Secundárias e Normais
13	1934	Princípios de sociologia, de Djacyr Menezes.	Escolas Secundárias
14	1935	O que é Sociologia, de Rodrigues Meréje.	Escolas Secundárias
15	1935	Noções de Sociologia, de Francisca Peetrs.	Escolas Secundárias e Normais Confessionais
16	1935	Princípios de Sociologia, de Fernando de Azevedo.	Escolas Secundárias e Normais Confessionais
17	1938	Sociologia Cristã, de Guilherme Boing.	Escolas Secundárias Confessionais
18	1938	Sociologia (outros aspectos da filosofia universal: solução dos problemas sociais), de Manuel Carlos.	Escolas Secundárias
19	1938	Noções de Sociologia, de Roberto Lyra.	Faculdades de Direito
20	1938	Preciso de Sociologia, de Paulo Augusto.	Escolas Secundárias
21	1939	Práticas de Sociologia, de Delgado de Carvalho.	Faculdades e Universidades
22	1940	Sociologia educacional, de Delgado de Carvalho.	Escolas Normais e Institutos Superiores de Educação
23	1940	Fundamento de Sociologia, de Carneiro Leão.	Faculdades e Universidades
24	1940	Programa de Sociologia, de Amaral Fontoura.	Escolas Secundárias
25	1941	Um esquema de Sociologia geral, de Juvenal Paiva Pereira.	Escolas Secundárias
26	1941	Formação da sociologia: introdução histórica às ciências sociais, de Severino Sombra.	Escolas Secundárias Confessionais
27	1942	Introdução á Sociologia, Alcionileiro Bruzzi Alvas da Silva.	Escolas secundárias
28	1945	Sociologia: introdução aos seus princípios, de Gilberto Freyre.	Faculdades e Universidades
29	1948	Introdução á Sociologia, de Amaral Fontoura.	Faculdades e Universidades

Fonte: Simone Meucci (2000) em sua pesquisa de Dissertação: A Institucionalização da Sociologia no Brasil: Os Primeiros Manuais e Cursos.

Dito de outra forma, Meucci (2000) em sua apresentação sobre os primeiros manuais didáticos de Sociologia no Brasil, evidencia que a composição desse conjunto de manuais didáticos de Sociologia vincula-se ao processo de institucionalização das Ciências Sociais no

Brasil, e que, portanto, pôde resultar na introdução da cadeira de Sociologia nos cursos secundários e escolas normais.

Sarandy (2004) destaca a importância para a distinção que se fazia entre o ensino secundário e outras formas de ensino médio a partir da década de 30. O ensino secundário exigia conteúdo mais humanístico, com procedimentos rígidos controle de qualidade e que dava acesso à universidade, caso o aluno não conseguisse passar, migrava para o ensino industrial, agrícola ou comercial, com poucas exigências que devia prepará-los para a inserção no mundo do trabalho.

No bojo desta discussão os manuais didáticos representam “testemunhos significativos” (MEUCCI, 2000) do esforço na constituição do saber sociológico entre nós, portanto, é de suma importância para compreender as ciências sociais no Brasil e como foi apresentada para o Ensino Médio. O conjunto da produção de manuais a partir da década de 30 fomentou a difusão deste saber, ao lado, o desenvolvimento da indústria editorial³ possibilitou veicular as ideias através dos livros que, além de materializar o saber promoveu o conhecimento de determinados problemas e discussão intensa passando para o crivo da verificação científica.

A autora ainda nos lembra como até a década de 40 a sistematização sociológica brasileira recorria á duas vertentes de estudos: autores franceses e norte-americanos a exemplo de Durkheim e Le Play⁴ referências obrigatória que auxiliou a formar um conjunto de conceitos e teorias para o estabelecimento na constituição da nova disciplina e conhecimentos a cerca da nossa realidade. Os questionamentos que ancoram os primeiros manuais de sociologia em 1930 a 1949 refletem temas sobre o progresso social, questões das populações rurais no Brasil, da formação da nação, especificando a importância ao processo de educação dos indivíduos.

Nessa mesma linha, avaliando a produção sociológica no Brasil desde os anos 30 Queiroz (1971) apresenta a década de 50 e começo dos anos 60 sob um profundo desejo dos

³ Villas Bôas (2007) sublinha que o período de 1945 a 1966 foi um período de expansão das Ciências Sociais, cuja origem, está atrelada aos problemas sociais decorrentes das transformações e advento da sociedade burguesa. Sua pesquisa é direcionada para a produção de livro durante esse período na área de Ciências Sociais, no qual destaca o crescimento e a diferenciação da indústria e do mercado editoriais no Brasil. Estima-se que, entre livros e folhetos, o número de títulos publicados em 1940 tenha sido de 1.678, elevando-se para 3.965 em 1950; 5.377 em 1960; 9.950 em 1971; e 13.267 em 1980, excluídas as publicações oficiais.

⁴Sociólogo francês Frédéric Le Play (1806-1882) atuou como investigador social no período de consolidação da disciplina Sociológica, procurava difundir uma sociologia cristã denominando-a como uma ciência e como uma filosofia da sociedade, isto é, uma área de conhecimento que se dedica a investigação da vida social, como também, a instituição de padrões de conduta cristãos adequados a conservação do equilíbrio social. Esteve ao lado de Durkheim e contribuiu para o reconhecimento da sociologia no quadro de disciplinas científicas (BOTELHO, 2002).

sociólogos conhecer a sociedade em que vivem e modificá-la, logo, a investigação social tomou como objeto os problemas educacionais e procurou conhecer atentamente aspectos gerais do sistema de educação, possibilitando a satisfação as solicitações da administração e os requisitos da pesquisa científica. Autores como Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira, Delgado de Carvalho, Almeida Júnior e outros utilizaram sua fundamentação metodológica na elaboração de programas voltados á política educacional que inspiraram a renovação da educação através do Movimento Escola Nova⁵, elemento que culminou em uma Sociologia aplicada á Educação.

Ora, também é significativo o fato de que a criação do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP) representou abrangência, principalmente em 1952 com a presença de Anísio Teixeira como diretor que organizou o estreitamento da relação entre as ciências sociais e a educação: criou meios materiais para a manutenção de estudos sobre a educação, preocupou-se em levar ao magistério inovações pedagógicas, esse conjunto de iniciativas oportunizou á Sociologia se inserir na redemocratização e escolarização. Nesse sentido, para os novos educadores a ciência contribuiria não apenas como disciplina a ser ensinada nas escolas, mas um formato para definir finalidades educacionais, os melhores métodos de ensino e organização administrativa mais adequada da escola (SARANDY, 2004).

Outro ponto colocado em evidência por Silva (2003) é que Anísio Teixeira ao propor dinamismo na política educacional brasileira, estava sendo claro ao afirmar que: “o problema não está na educação, mas sim na insuficiência dos planos de governo, lhes faltando uma filosofia da educação, uma visão científica dos problemas educacionais”. Seu projeto passou pela criação de instituições que fizesse articulação e iniciativas entre o ensino primário e secundário desenvolvendo a intelectualidade de todos, inclusive de todas as classes, no entanto, foi alvo de várias críticas, uma vez que, abordavam temas como mudança política e social.

A reflexão que Sarandy (2004) faz em relação à fase Cátedra e Científica da Sociologia é justamente entendê-la como duas posições coexistentes: “A Sociologia era pensada como destinada á universidade por sua própria natureza e condição de ciência, e uma ciência muito

⁵ Movimento de renovação do ensino que foi especialmente forte na Europa, América e Brasil, na primeira metade do século XX, quando também se consolidou a democracia liberal. No Brasil, o “escolanovismo” se desenvolveu nos anos 1930 no momento em que o país sofria importantes mudanças econômicas, políticas e sociais como: aceleração do processo de urbanização e expansão da cultura cafeeira e progresso industrial da nação. Trata-se de um documento escrito por 26 educadores, com o título “*Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova - A reconstrução educacional no Brasil: ao povo e ao governo*”, o qual contrapõe o ensino tradicional e católico e o aluno é o centro principal do processo educativo, nessa concepção há uma grande preocupação com a natureza psicológica deste aluno (Silva, 2003).

particular já que central no desenvolvimento das sociedades, por outro lado, a Sociologia estaria umbilicalmente ligada á educação básica devido a sua finalidade última, qual seja, capacitar os indivíduos á vida moderna e ser a consciência da vida social”.

É preciso estar ciente desse legado que o saber sociológico acadêmico propôs e refletir sobre sua finalidade aos alunos do ensino básico, torná-lo possível reconhecer que é uma ciência importante para o desenvolvimento das sociedades como para seu crescimento e desenvolvimento pessoal, e que, por meio de sua “imaginação sociológica” poderá ler e compreender o emaranhado de situações relacionais que o envolve cotidianamente. Entendo que capacitar os indivíduos a vida moderna e ser a consciência da vida social também seja educar o indivíduo de forma livre orientando para que olhe o que está oculto em nossas ações, exercer sua curiosidade como aplicabilidade de sua educação consciente.

Analisemos agora como o cenário do regime militar ocasionou uma ruptura na perspectiva de análise sociológica da educação, a ênfase pode ser tanto para sua intermitência quanto para as demais consequências em âmbito de ensino superior e educação básica.

2.2 O CENÁRIO DO REGIME MILITAR E PECULIARIDADE DA SOCIOLOGIA

“Melhor seria ser filho da outra
 Outra realidade menos morta
 Tanta mentira, tanta força bruta
 (...) Pai, afasta de mim esse cálice
 Pai, afasta de mim esse cálice
 De vinho tinto de sangue...”

(Chico Buarque)

A pretensão de legitimidade da ditadura significa um processo complexo que além da tentativa para conseguir obediência para um determinado sistema de poder, procurou construir de maneira contínua uma determinada ordem, com adesão nos âmbitos objetivo e subjetivo de uma organização social (REZENDE, 2013). A formulação de estratégia psicossocial podia ser analisada na insistência do regime construir uma ordem social por meio de uma constante relação com estratégias políticas e econômicas, dessa forma, os militares faziam de sua ação a ação de todos, ou seja, tudo que estava fora do seu limite deveria ser repellido, ou eliminado, em quaisquer campos (objetivo/subjetivo) estava sujeito ao controle, admitindo apenas o que estava integrado aos seus propósitos nas diversas esferas da vida social.

No Brasil o período de 1945 a 1964 tem como característica principal a instabilidade política, consequência das tentativas de golpes, do rápido lapso de liberdade individual, e

pronunciamento de militares que resultou no embate contra o movimento sindical tornando a liberdade política restrita e clandestina. É inegável que os militares tiveram um histórico de participação nas épocas de crises políticas e institucionais, assim, ao assumir o poder em 01 de abril de 1964 inauguravam uma nova forma de administrar o país, quanto a isto vejamos:

[...] A implementação do projeto centralizador passa a ser a principal meta dos militares nos primeiros anos de governo. Para que o novo modelo administrativo fosse implantado, sem reservas, era de suma importância que as decisões do poder central não fossem questionadas. Com base nessa premissa, a sociedade brasileira e as instituições democráticas foram mergulhadas no mar do obscurantismo (LIMA, 2012, p.56).

A permanência dos militares no poder configurou a seguinte situação: Centralização econômica, política, administrativa e financeira. Uma constante interferência no contexto da educação marcava um período paradoxal de transição e as Ciências Sociais e Humanas “sofriam o impacto de eventos e medidas que tenderiam a diminuir sua atratividade em relação aos jovens egressos do curso secundário (NOGUEIRA, 1979-81). Verifica-se que nesse período a Sociologia brasileira inicia uma crise e diversificação caracterizado pela crise institucional da Sociologia e das Ciências Sociais em geral, no qual o efeito repressivo constante de prisões, exílios e cassações de cientistas sociais marcava a peculiaridade desta disciplina em âmbito acadêmico e currículo de ensino básico. Contudo, antes de adentrarmos na discussão da obrigatoriedade da Sociologia no Ensino Médio, é preciso ressaltar os impactos que as Ciências Sociais tiveram ao se submeter a um período recessivo e conturbado.

Nos períodos de 1950 á 1960 surgiram instituições latino-americanas como a Comissão Econômica para a América Latina (Cepal), no Brasil o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), e o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE) para elaborar projetos cujo objetivo seria o desenvolvimento nacional e formulação de diagnóstico da situação educacional que alargou a participação de cientistas sociais em órgão estatais, no entanto, posteriormente (1964-1979) apresenta uma difícil e frágil definição para abordar a relação entre educação e Sociologia no Brasil (SILVA, 2003). As mudanças eram radicais, a transformação do sistema educacional dependia de uma mudança geral:

A Sociologia, que vinha adquirindo uma gradativa visibilidade no espaço público, perdeu o papel de mapeamento dos rumos da mudança social e de seu planejamento, sendo, em larga medida, alijada das esferas estatais de análises socioeconômicas aplicadas. Entre as Ciências Sociais, a ciência econômica foi a que conquistou maior legitimidade científica no contexto político. (SILVA, 2003, p. 166).

Filho (2005) expõe que o trágico fechamento do ISEB em 1964 e cassações de cientistas sociais em 1969 correspondem ao impacto negativo da repressão cultural-educacional aos universitários. Na mesma época a Reforma Universitária⁶ colocou em prática atividades de centros privados de pesquisas como o Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP) e o Centro de Estudos de Cultura Contemporânea (Cedec), ou seja, o governo promoveu massificação do ensino público do primeiro e segundo grau, e intensifica o setor privado com ênfase na segurança nacional e desenvolvimento econômico, nessa lógica não seria viável seu desinteresse pela política científica, alguns dados da pesquisa de Correias Dias (1981) e da CLAPCS podem nos auxiliar:

Quadro 02 - Cursos de Graduação em Ciências Sociais Brasil 1936-1978 e HOJE?

Ano	Número de Cursos de Ciências Sociais
1936	2
1954	11
1968	33
1976	83
1978	71

Fontes: CLAPCS e Correias Dias 1981, utilizado por Filho (2005) em seu Dossiê: A Sociologia no Brasil: história, teorias e desafios.

O processo de federalização das instituições de ensino superior e as constantes críticas a política universitária, bem como o desenvolvimento do movimento estudantil ocasionou a reforma de 1968, que proporcionou modificações: diversos professores foram compulsoriamente aposentados, reitores foram demitidos, o controle policial foi estendido ao currículo e as programas das disciplinas. Contudo, os dados fornecidos no quadro demonstra que apesar do autoritarismo amplia-se o número de cursos de Ciências Sociais impacto da Reforma Universitária e processo da expansão com privatização do ensino superior (FILHO, 2005).

⁶O ensino superior sofreu diversas reformas em sua estrutura, entre as principais a Reforma Universitária de 1968 foi a mais impactante, no sentido de avanços e grandes consequências (ANTUNES; SILVA; BANDEIRA, 2014). Com base nas Leis de 5.540 e 55.398 mudanças foram sendo cumpridas por meio de repressão política e ideológica impostas ao corpo discente e docente. Essa reforma aliada com os atos institucionais baixados pelo governo militar e a constituição de 1967 abriram espaço para uma grande transformação do ensino superior, modificando a sua estrutura administrativa e política.

Para Cigales (2014) diante das inúmeras incongruências que a disciplina de Sociologia sofreu na educação brasileira sob a interferência de diversos campos: Estados, deputados, partidos políticos, associações, a ausência da disciplina como obrigatória e reinserção gradativa no ensino médio e curso superior como mostra o quadro abaixo resultou no seu enrijecimento:

Quadro 03 – A Sociologia no contexto das reformas educacionais – 1949/2002

1.(1949-1981) Ausência da Sociologia como disciplina obrigatória

1949 – No Simpósio “O Ensino de Sociologia e Etnologia, Antônio Cândido defende o retorno da Sociologia aos currículos da escola secundária”.

1954 – No Congresso Brasileiro de Sociologia, em São Paulo, Florestan Fernandes discute as possibilidades e limites da Sociologia no ensino secundário.

1961 – Aprovação Lei 4.024 de 20 de dezembro, a primeira de lei de Diretrizes e Bases, promulgada no país. A LDB manteve a divisão do ensino médio em dois ciclos: ginásial e colegial.

1962 - O Conselho Federal de Educação e o Ministério da Educação publicam “Os novos currículos para o ensino médio”. Neles constavam o conjunto das disciplinas obrigatórias, a lista das disciplinas complementares e um conjunto de sugestões de disciplinas optativas. Sociologia não constava de nenhum dos três conjuntos.

1963 – Resolução nº 7, de 23 de dezembro do Conselho Estadual de Educação de São Paulo, na qual, a Sociologia estaria presente como disciplina optativa nos cursos clássicos, científico e eclético.

1971 – Lei nº 5.692 de agosto, a Reforma Jarbas Passarinho que torna obrigatória a profissionalização no ensino médio. A Sociologia deixa também de constar como disciplina obrigatória do curso normal.

2.(1982-2002) Reinscrição gradativa da Sociologia no ensino médio

1982 – Lei 7.044, de 18 de outubro que torna optativa para as escolas a profissionalização no ensino médio.

1983 – Associação dos sociólogos de São Paulo promove a mobilização da categoria em torno do “Dia Estadual pela volta da Sociologia ao 2º Grau”, ocorrido em 27 de outubro.

1984 – A Sociologia é reinserida nos currículos das escolas de São Paulo.

1986 – A Sociologia passa a constar dos currículos das escolas do Pará e Distrito Federal.

1989 – A Sociologia torna-se disciplina constante da grade curricular das escolas do Pernambuco, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro. A constituinte mineira e fluminense tornam

obrigatório o ensino de Sociologia.

1996 – Nova Lei de Diretrizes e Bases – Lei nº 9394 de 20 de dezembro, na qual, os conhecimentos de Sociologia e Filosofia são considerados fundamentais no exercício da cidadania.

1997 – A Sociologia torna-se disciplina obrigatória do vestibular da Universidade Federal de Uberlândia.

1998 – Aprovação do Parecer nº 15 de 1º de junho com as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCNEM), nas quais, os conhecimentos de sociologia são incluídos na área de Ciências Humanas e suas Tecnologias.

1999 – Ministério da Educação lança os Parâmetros Curriculares para o Ensino Médio (PCNEM) que trazem as competências reativas aos conhecimentos de Sociologia, Antropologia e Ciência Política.

2000 – No novo currículo das escolas públicas do Distrito Federal, a Sociologia aparece como disciplina obrigatória das três séries do ensino médio, com carga semanal de 2 horas-aula.

2001 - Vetado pelo Presidente da República, o projeto de lei do Deputado Padre Roque do Partido dos Trabalhadores do Paraná que torna obrigatório o ensino de Sociologia e Filosofia em todas escolas públicas e privadas.

2002 – Veto presidencial no Congresso Nacional.

Fonte: Flávio Sarandy (2004) em sua pesquisa de Dissertação: A sociologia volta à escola: um estudo dos manuais de sociologia para ensino médio no Brasil.

Observando o quadro a cima podemos verificar que a exclusão/inclusão da Sociologia nos currículos educacionais tem sido parte de um processo de materialização das lutas em torno de que tipo de educação determinados grupos sociais querem implementar. Dessa forma, segue: concepções e decisões política ora autoritária, ora democrática, desorienta a sociedade e comunidade escolar, lacunas são produzidas e inseridas no quadro da história de institucionalização de disciplinas, no caso da Sociologia, o reflexo de tal desorientação interfere em seu processo de legitimidade e reconhecimento escolar.

Desde o decreto do Estado Novo em 1937 o contexto da educação no país passa por reformas, a exemplo, Reforma Capanema instituída em 1942 pela Lei nº. 4.244 apoiada nas deliberações de “Leis Orgânicas do Ensino”, que até o ano de 1946 retira a obrigatoriedade da disciplina de Sociologia nos cursos secundário. Os efeitos negativos recaem sobre toda educação, uma vez que, a política Capanema teve como principal característica se unir a

Igreja Católica instituindo um caráter homogêneo e nacionalista com rituais patrióticos na construção de um padrão único de escolas e universidades (SILVA, 2003).

Esta concepção de “negatividade” também é compartilhada pelas OCN (2006) a qual destaca um impacto negativo sobre os cursos de Ciências Sociais em âmbito acadêmico, seu desenvolvimento ainda débil teve que ser submetido a uma redefinição dentro do sistema intelectual, como também a retirada da Sociologia nos cursos secundários denominado colegial começa a se tornar intermitente, permanecendo, às vezes, como Sociologia Geral e Sociologia Educacional, nesse momento o curso clássico ou científico praticamente desaparece e quem predomina são disciplinas voltadas para cursos de Letras ou Ciências Naturais.

Cabe verificar algumas das justificativas acerca do contexto de exclusão da disciplina em épocas diferentes (1942 e 1964):

Os objetivos destes novos mecanismos pedagógicos estavam direcionados a fortalecer o espírito patriota e cívico dos indivíduos, garantindo assim uma unidade nacional maior e o culto da obediência às leis (...) dessa maneira a Sociologia passa a figurar por um lado oposto ao compreendido entre os “anos dourados” e sob essa inversão passa a ser compreendida como incremento a subversão. Este ideário produzido pelo Estado Novo vê nas discussões sobre greve, movimento social e o papel da mulher na sociedade de classes, um meio de divulgação de atos subversivos, ou seja, acreditava-se neste período que a Sociologia estava associada aos princípios socialistas e, portanto, com o intuito de controlá-los acabaram por excluir a disciplina do Ensino Médio brasileiro. (FLORÊNCIO, 2009, p.7/8).

Não há alternância, a justificativa segue na mesma direção de argumentos:

O contexto histórico vivenciado pelo regime ditatorial no Brasil não permitia a inclusão ou sequer a discussão de questões ligadas à Sociologia, acentuando assim o seu esquecimento num possível retorno às grades curriculares do Ensino Médio. A Sociologia neste período foi considerada como um “[...] sinônimo de comunismo e o seu ensino servia de aliciamento político”, portanto, perturbava o regime e a sua presença era um indicador de periculosidade para as elites”. (RÊSES apud FLORÊNCIO, 2009, p. 9).

Tendo em vista esses argumentos que contém semelhança em seu conteúdo, a Sociologia passou tempo demais sendo diminuída, desvalorizada. Seu valor parece ter uma revalorização com a chegada dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) em conformidade com a Lei de Diretrizes e Bases de 1996, não como algo imediato a ser cumprido, mas pelo menos por insistência em manter a disciplina de Sociologia ao lado de outras ciências no Ensino Médio, o que mais tarde se concretiza com sua obrigatoriedade.

Tratemos agora de analisar os momentos pós-regime militar e consolidação da disciplina de Sociologia aos currículos do Ensino Médio como instrumento de exercício de cidadania e visão crítica dos estudantes enquanto sujeitos.

2.3 O PÓS-REGIME MILITAR E A OBRIGATORIEDADE DA SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO

A enorme distância que a Sociologia tomou do Ensino Médio sob o Regime Militar de 1964 á 1984, sendo substituída pelas disciplinas Educação Moral e Cívica, Organização Social e Política Brasileira colaborou ainda mais para que seu processo ficasse marcado pela intermitência no currículo de educação básica. Na década de 60 é elaborada a primeira Lei de Diretrizes e Base da Educação-LDB, no entanto, poucas mudanças são realizadas quanto a estrutura antiga do ensino Florêncio (2009) destaca que a LDB apenas concedeu autonomia aos estados para formular o quadro de disciplinas obrigatórias e optativas no currículo do Ensino Médio.

Com o processo de redemocratização da sociedade brasileira a Sociologia aos poucos vai sendo reabilitada e ganha espaço como importante instrumento de cidadania. Na década de 80 é inserida em algumas escolas dos Estados brasileiros, começando pelo Rio de Janeiro e intensificando as lutas pela obrigatoriedade em todo país. Realizaram reestruturações curriculares no que se chamava 2º grau, hoje denominado Ensino Médio procurando adequar os currículos aos tempos de redemocratização com encontros para estabelecer regras sobre o ensino de Sociologia (SILVA, 2007).

A efervescência para o encontro com a democracia colocou em questão a problemática da educação, e na década de 90 no Congresso Nacional inicia a tramitação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação-LDB, sua promulgação acontece em 20 de dezembro de 1996 e estabelece mediante a Lei nº 9393/96 artigo 36, § 1º, inciso III, o domínio dos conhecimentos de Filosofia e Sociologia que se estende aos alunos do Ensino Médio necessário ao exercício de cidadania. A leitura que alguns autores fazem deste documento, mas precisamente do artigo 36, é que a lei permite uma dúbia interpretação, Florêncio (2009) explica que “para nós cientistas sociais a determinação do artigo é compreensível, mas para os demais abre um leque de interpretações, ou seja, incluir significa permitir que ministre aulas de Sociologia, no entanto, o problema não reside em ter conhecimento e sim formação.

Nesse viés Florêncio (2009) evidencia como a política (1985-2002) que estiveram à frente das principais reformas educacionais promoveu novos conceitos, novos caminhos, novas palavras, como a “transversalidade” para o desenvolvimento da globalização pelo qual o mundo vem passando.

Segundo Moura (2010) uma nova batalha se estenderia em 2001, o então Presidente da República Fernando Henrique Cardoso, também sociólogo vetou o Projeto de Lei 09/2000

aprovado no Congresso Nacional no qual a proposta seria estabelecer o retorno da Sociologia e Filosofia no Ensino Médio. Esse debate continua no ano de 2006, contudo é apenas em 02 de junho de 2008 que a obrigatoriedade foi sancionada pela Lei nº 11.684, depois de quase quarenta anos de intermitência, de avanços e retrocessos a Sociologia e Filosofia voltam a compor o currículo do ensino básico de forma necessária e legítima.

A busca por seu merecido espaço e reconhecimento não cessa na sua obrigatoriedade conquistada em 2008, se foi dada a disciplina de Sociologia o objetivo enquanto ciência capaz de construir junto com as demais disciplinas um aporte teórico, metodológico para fomentar nos estudantes o senso crítico e exercício de cidadania, deve ela diariamente contribuir de forma significativa para não voltar ao seu quadro de intermitências.

Ao realizar a retrospectiva histórica da disciplina parece frutífero apresentar algumas informações sobre as preocupações atuais dos professores de Sociologia, seu perfil atual, tomando como base pesquisas, entrevistas, destacando a importância da relação ensino/didática para o trabalho docente e aprendizado dos estudantes.

3 PROFESSORES DE SOCIOLOGIA: FORMAÇÃO, ATUAÇÃO PROFISSIONAL E DIDÁTICA

A perspectiva de constituição de um saber escolar deve ter por base a compreensão de que educação escolar e institucionalização de disciplinas para o currículo não se limita a fazer uma seleção de conteúdos, é necessário um trabalho de reorganização, reestruturação e mediação didática. Dessa forma, é preciso ampliar discussões a cerca do trabalho docente, essa iniciativa pode partir tanto da escola como do próprio corpo docente, pois o fato de refletir ações pedagógicas pautadas na mobilização tem como resultado aprendizagem significativa contribuindo de forma geral na interação dos educandos com a disciplina, os docentes, a escola, a sociedade.

3.1 ENSINO E DIDÁTICA: REFLEXÕES NECESSÁRIAS A FORMAÇÃO DOCENTE

Deparamo-nos cotidianamente, ao se tratar de ensino, com questões de como dar significado a esta ação, isto é, efetuar sentido nas diversas possibilidades pedagógicas que culminam o ensino aprendido dos educandos. Dessa forma, apresentamos por meio de uma discussão sobre ensino e didática no processo educacional e suas ramificações aspectos fundamentais para o entendimento a cerca de como construir um trabalho autônomo fundamentado no planejamento e organização de métodos e técnicas de ensino.

Tratemos em um primeiro momento sobre ensino, o qual Libâneo (1994) define como um conjunto de atividades organizadas do professor e dos alunos, visando alcançar determinados resultados, tendo como ponto de partida o nível atual de conhecimentos, experiências e de desenvolvimento mental dos alunos. Ou seja, o educador deve ter um propósito intencional e explícito para orientar a instrução⁷ e o ensino á objetivos educativos, tendo em mente que o ensino não é o único, mas sim o principal meio, de fato, da educação, assim, a didática deve assegurar o fazer pedagógico na escola na sua dimensão político-social.

⁷ A educação é um sistema de instrução e ensino de objetivos intencionais, assim, instrução está relacionada a formação e desenvolvimento das capacidades cognitivas mediante o domínio de certos conhecimentos (LIBÂNEO, 1994).

Ainda de acordo com Libâneo (1994) a atividade de ensinar como transmissão⁸ da matéria aos alunos é, muitas vezes, peculiar e empobrece a atividade mental dos alunos, ensinar exige a compreensão de ações conjuntas do professor e dos alunos incentivando a assimilar consciente e ativamente os conteúdos e os métodos utilizados. Dito de outra forma, o ensino de modo transmissivo sem qualquer outra didática pode resultar num acúmulo de dificuldades dos alunos, estabelecendo uma barreira difícil de verificar se estão preparados para enfrentar, por exemplo, novas matérias, ou avançar em determinado conteúdo programado. Partindo então desta perspectiva, conduzir o processo de ensino requer uma compreensão clara dos usos e desusos, causas e efeitos de determinadas estratégias ou metodologias em sala de aula.

Freire (2002) enfatiza que ensinar não é transferir conhecimento, mas sim criar as possibilidades para produção ou construção, argumenta que não há trabalho docente sem discência pelo contrário as duas se explicam e apesar das diferenças enquanto sujeitos não se reduzem á condição de objeto um do outro. Para ele não existe ensinar sem aprender é por isso que o verbo ensinar é um verbo transitivo-relativo, pois quem ensina ensina alguma coisa a alguém, essa é a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender.

Masetto (1997) também afirma que a aprendizagem não está a cargo somente do professor: ela está inserida em toda parte através de um bom relacionamento interpessoal, ou seja, entre aluno-professor-colegas de turma, por meio do diálogo, colaboração, participação, trabalhos em equipe, respeito mútuo e etc.

Diante dessas concepções sobre ensino podemos perceber que o professor não concretiza sua ação pedagógica apenas ao dar aula, e sim quando consegue ensinar alguma coisa a alguém. No entanto, o grande desafio é enxergar nas situações didáticas elementos para potencializar o ensino/aprendizagem e fomentar a ideia de que a atividade da aula é um processo e não um produto a que se deposita algo.

Desse modo, para ampliar nossa compreensão a respeito de didática e suas implicações no contexto do ensino não podemos enxergá-la como proposições teóricas dotadas de neutralidade, é uma ação intencional cuja intervenção tem suas finalidades. Didática é uma disciplina que estuda o processo de ensino através dos seus componentes (os conteúdos escolares, o ensino e a aprendizagem) para, com embasamento numa teoria da educação,

⁸ Ao descrever o ensino transmissivo Libâneo (1994) concebe a realização por parte do professor de exercícios repetitivos, com memorizações de definições e fórmulas para os discentes. Como a cena costumeira do professor que passa a matéria, os alunos escutam, e como prosseguimento respondem ao interrogatório do professor reproduzindo o que está no livro didático.

formular diretrizes que possam orientar a atividade profissional dos professores (LIBÂNEO, 1994).

Martins (2008) destaca a didática como proposta pedagógica que compreende o processo de ensino, tem em si, múltiplas determinações e pode ser transformada a partir da intervenção ao entender que o ato pedagógico é um ato político, sendo necessário a própria ação de forma consciente assumindo alternativas. Alternativas como: superar a crítica e constatação dos problemas enfrentados pelos professores, se empenhar em uma luta conjunta, e principalmente construir um espaço de reflexão de sua prática cotidiana com os demais colegas.

A prática docente tem como centralidade a questão do pensar e fazer, embora, muitas vezes as condições de trabalho (tempo de hora-aula, materiais pedagógicos, salário) não muito favoráveis, o planejamento e articulação com ações são um compromisso do professor com a sociedade e comunidade escolar. Candau (2005) aponta que a didática deve contribuir para ampliar a visão do professor quanto às perspectivas didático-pedagógicas mais coerentes com nossa realidade educacional, ao analisar as contradições entre o que é realmente o cotidiano da sala de aula e o ideário pedagógico calcado nos princípios da teoria liberal.

Acrescenta Prado (2015) a formação docente, não pode se configurar apenas como uma tarefa burocrática e partindo de práticas mecanizadas é necessário promover um ensino que contribuía com o processo de humanização dos alunos historicamente situados, esperando assim da licenciatura, desenvolver nos alunos conhecimentos e habilidades, atitudes e valores que lhe possibilitem construir saberes para a vida no cotidiano.

Oliveira e Costa (2012) destaca que a Sociologia não pode se excluir desses debates teóricos da educação, o que se aprende na graduação deve passar pelo processo de didatização⁹ e vivenciar essa experiência na realidade. Somente a teoria e a prática podem oportunizar a ditatização de uma disciplina, na educação básica se espera dela uma intervenção promissora que mesmo em contextos adversos ao seu ensino estabeleça a socialização do conhecimento científico para os estudantes.

Portanto, problematizar as questões de ensino e didática constitui, sobretudo um elemento positivo para afirmar que o trabalho docente é fundamentalmente uma atividade social capaz de instigar, modificar, ou acrescentar perspectivas e aprendizado nos educandos. Partindo dessas considerações para o debate sobre maneiras de ensinar sociologia, apresentaremos nesta próxima sessão elementos de interesse prático e emancipador no qual a

⁹ Tal processo se constitui numa reconstrução dos saberes que permitem que afirmemos haver a constituição de uma epistemologia eminentemente escolar (OLIVEIRA e COSTA, 2012).

criatividade do docente é tomada como necessária para despertar a curiosidade e imaginação dos estudantes.

3.2 MANEIRAS DE ENSINAR: A SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO

Amplia-se os desafios para realizar com eficiência o Ensino de Sociologia para alunos do Ensino Médio. O primeiro desafio perpassa a ideia de passar o conteúdo programado e entra no terreno de tornar a aula um espaço de entendimento e reflexão, um segundo desafio é pensar em metodologias e estratégias não apenas no sentido de apresentar conteúdos, mas, sobretudo qual o papel/natureza da disciplina. Como explica Lopes Júnior e Tomazi (2004) há algo mais profundo nesse contexto de práticas cotidianas, pois vivemos a expansão da reflexividade social, e a melhor tradução para essa reflexão seria “questionar a nossa ideia de socialização e de construção das futuras gerações de cidadãos e cidadãs”.

A reprodução e reconstrução do conteúdo sociológico é preocupação permanente das Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (OCN) e atualmente da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), ambas referências para a prática de ensino da rede pública. Em relação á prática de ensino, por exemplo, as OCN (2006) esclarece que a aula não se reduz á exposição por parte do professor, há uma variedade fenomênica de que as pessoas pouco se dão conta, e a mediação pedagógica parece tão mais necessária quanto mais varia o público no tempo e no espaço. Nesse sentido, as concepções assumidas em tais documentos oficiais esclarece a tentativa de romper com as práticas educacionais tradicionais, unilaterais que centraliza o professor na transmissão e absorção de conhecimentos formalizados (VARGAS, 2011).

Pensar em maneiras de ensinar Sociologia requer uma reflexão profundamente epistemológica, uma vez que, necessitamos estruturar a dimensão didática, pedagógica para motivar a formação humana e crítica dos alunos. Assim, aula e abordagem dos conteúdos, o próprio ato de ensinar é uma atividade de práxis humana que perpassa a ideia de técnica da reprodução e toma como fundamental a transformação dos processos de ensino/aprendizagem (SILVA, 2007).

Freire (1982) no seu estilo acessível e dialogante nos envolve numa relação diferente, onde nos sentimos participando enquanto sujeitos de uma experiência real, ao mesmo tempo, seu pensamento conduz ao testemunho renovado na sua profunda compreensão do significado da educação dentro do contexto da existência social e individual dos homens. Se para ele a

leitura é sempre precedida da leitura do mundo, sejamos assim, sociólogos capaz de demonstrar aos estudantes que a aprendizagem da leitura do mundo se fortalece através de uma relação dinâmica que vincula linguagem e realidade.

Logo, não podemos perder de vista que a escola é tanto um lugar de acesso a determinados conteúdos, como quanto um espaço de sociabilidade e construção de identidades para os jovens. A Sociologia enquanto disciplina precisa refletir sobre suas práticas de ensino, representações, necessidades e expectativas, contudo, é necessário que a apropriação e entendimento de cada professor a cerca da questão, venha a contribuir para a imaginação sociológica dos alunos (TEXEIRA, 2012). Nesse contexto de apropriação e entendimento, Bauman (2010) diz que há muito mais a ser dito sobre a relação entre a Sociologia e o mundo:

[...] a Sociologia nos incita e encoraja a reaccessar nossas experiências, a descobrir novas possibilidades e a nos tornar, afinal, mais abertos e menos acomodados á ideia de que aprender sobre nós mesmos e os outros leva um ponto final, em lugar de constituir um processo dinâmico e estimulante cujo objetivo é a maior compreensão. (BAUMAN, 2010).

Considerando a importância da Sociologia não só como ciência, também como disciplina escolar pode ser considerada como espaço de atividade contínua na qual podemos comparar o aprendizado com novas experiências e ampliar conhecimento, alterando o processo, a forma e o conteúdo da própria disciplina.

Muitos autores situam tal ciência como portadora de uma ontologia distinta, o que implica a construir metodologias distintas. Para Oliveira (2011) compreender a dinâmica do ensino de Sociologia perpassa, também, compreender a natureza da ciência social, ou seja, a formação sociológica tem um desafio constante que é explicar um mundo já explicado, assim quem vai explicar deve estar atento quanto a formulação da explicação sociológica no universo da linguagem e categorias sociológicas. Logo, é nesta articulação entre realidade e teoria no sentido prático que reside a necessidade para um salto “epistemológico” que poderá resultar em categorias Sociológicas palatáveis ao Ensino Médio. Como sublinha Oliveira:

A práxis educacional, em especial no contexto da Sociologia, não deve ser apartada do âmbito teórico, bem como não deve distar do universo da experiência. Como professores de Sociologia precisamos chacoalhar as bases da própria ciência social, pensar no âmbito da crítica da crítica. (OLIVEIRA, 2011, p. 120).

Chacoalhar como forma de compreender o movimento dos arranjos cognitivos do sujeito em relação ao mundo em que está inserido, adentrando também, na possibilidade de pensar na situação didática, em que contexto o ato educacional ocorre, se diante a conexão

dos temas, conceitos e teorias, ou no que tange a aproximação do educando com determinados assuntos. No mais, questionamentos desse caráter deve nortear nossa prática, a fim de que a proposta para a obrigatoriedade do ensino de Sociologia se torne um modelo consistente e equilibrado dentro do currículo e âmbito escolar.

Mais adiante apresentaremos o perfil do professor de Sociologia no Ensino Médio brasileiro, debate fecundo para a nossa investigação sobre o aprendizado do educando nessa área e que merece atenção para a aquisição de informações e análises.

3.3 PERFIL DO PROFESSOR DE SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO

O desenvolvimento de uma disciplina escolar requer além de sua institucionalização um esforço cotidiano para se firmar como disciplina. No caso da Sociologia, que passou por oscilações no currículo deve agora após quase uma década de obrigatoriedade no Ensino Médio, ampliar seus horizontes no sentido de mapear como serão seus desdobramentos pedagógicos, sua organização didática e metodológica, uma vez que, está presente na educação dos jovens e uma de suas finalidades é a “formação crítica” enquanto exercício de cidadania pautada na premissa dos documentos OCNs e BNCC.

A pesquisa de Cristiano Bodart e Silva é essencial para lançar mão de dados sobre o perfil dos professores de Sociologia no ensino médio brasileiro. A unificação dos dados do último Censo Escolar MEC/INEP (2016) e um questionário aplicado em 2013 a 550 professores de Sociologia em todas regiões brasileiras foram elementos colaborativos na discussão para a prática docente e atuais dificuldades da disciplina. Os elementos pertinentes à pesquisa são: número de professores com vínculo concursado/efetivo/estável, distribuição de professores de Sociologia por cor/raça, por sexo, região, atuação na rede pública/privada, formação/formação complementar, tempo em docência, aulas lecionadas, percepção do professor em relação às condições a recursos pedagógicos na escola onde atua, percepção do professor de Sociologia sobre o valor que os demais professores e alunos dão à disciplina.

Quanto aos dados o levantamento do MEC/INEP (2016) informa que nesse mesmo ano existia 55.658 professores de Sociologia atuando no Ensino Básico, sendo 242.345 com contratos profissionais, 57,1% haviam se formado em instituições pública de ensino superior e 42,9% em instituições privadas. A predominância no quadro de professores é do sexo

feminino com 58,9% e do sexo masculino 41,1%, em sua grande maioria de cor branca (38,7%) e parda (22,7%).

Bodart e Silva (2016) identifica que 75,5% dos 550 professores de Sociologia entrevistados atuam na rede pública e 42,5% não tem nenhuma formação complementar, o censo do MEC/INEP (2016) esclarece que apenas 11,5% dos professores que lecionam a disciplina de Sociologia no Ensino Médio possui formação específica (licenciatura em Ciências Sociais ou Sociologia) pior resultado entre as demais disciplinas, demonstrando que a maior parte dos professores que ministram as aulas de Sociologia é formado em História (19,8%) e Pedagogia (13,8%). Essa discussão de quem ministra as aulas de Sociologia nos remete a ideia de distinção entre Educação e Pedagogia feita por Durkheim (1978):

[...] A educação é um processo social sujeito à investigação sociológica, sendo então, objeto de estudos da Ciência da Educação que tem como objetivos conhecer, compreender as diversas manifestações educacionais ao longo da história. A Pedagogia tem como função se preocupar com o que temos como educação, buscando meios de modificá-la, de transformá-la naquilo que pressupõe ser o ideal. (DURKHEIM, 1978, p.77).

Isso nos instiga a pensar enquanto sociólogos e professores a habituar nosso espírito para a observação da realidade em sala de aula, mais exatamente, em como demonstrar para os estudantes que a educação é, antes de tudo, a realização do indivíduo, e que esse processo pode se constituir de diversas formas e manifestações ao longo da história. No entanto, como vimos houve-se primeiro o protesto das dificuldades de ensinar para colocar em prática esse espírito, essa situação enfraquece a categoria do educador e dos educandos que se expõe, muitas vezes, ao desinteresse mútuo.

O professor de Sociologia é uma categoria muito recente que passa por adversidades como: 89,6% dos 550 professores entrevistados no questionário de Bodart e Silva (2016) dizem não contar com apoio bibliográfico satisfatório na biblioteca da escola onde atua, carga horária extensa 46,55% dos professores trabalham em duas ou mais escolas, situação que resulta em maior número de planos de aula, perda de tempo em deslocamento, adaptação da gestão escolar e cultura organizacional das realidades dos educandos. A prática docente é uma tarefa árdua, mas não devemos nos esquecer de que a educação é um processo de socialização constante do indivíduo cuja finalidade é fazer dele um ser verdadeiramente humano (DURKHEIM, 1978).

Para averiguar a prática docente Bodart e Silva selecionaram três tipos de instrumentos em sua pesquisa: o uso do Livro Didático, Laboratório de Informática e uso de Músicas nas aulas de Sociologia. Vejamos os resultados nos quadros:

Quadro 04 - Percepção do professor em relação às condições bibliográficas da biblioteca da escola onde atua.

	Frequência	Percentual
A biblioteca atende plenamente a necessidade da disciplina	57	10,4
A biblioteca não tem livros de Sociologia	78	14,2
A biblioteca tem poucos livros de Sociologia	382	69,5
Não há biblioteca nas instituições	33	6,0
Total	550	100

Fonte: Elaborado pelos autores com base nos questionários aplicados, 2013. Bodart e Silva (2016).

Quadro 05 - Uso do Laboratório de Informática nas aulas de Sociologia.

Uso do laboratório de informática nas aulas de Sociologia	Frequência	Percentual
Frequentemente	66	12
Não utilizo por não existir na instituição	33	6
Não utilizo, embora exista na instituição	209	38
Utilizo poucas vezes	242	44
Total	550	100

Fonte: Elaborado pelos autores com base nos questionários aplicados, 2013. Bodart e Siva (2016).

Quadro 06 - Uso de músicas nas aulas de Sociologia.

Uso de músicas nas aulas de Sociologia	Frequência	Percentual
Não utilizo	112	20,4
Raramente utilizo	100	18,2
Utilizo frequentemente (mais de uma vez por semestre em cada semestre)	187	34
Utilizo pouco (cerca de uma vez por semestre)	151	27,5
Total	550	100

Fonte: Elaborado pelos autores com base nos questionários aplicados, 2013. Bodart e Silva (2016).

É importante ressaltar que a dificuldade identificada de trabalhar com o Livro Didático como mostra a tabela 2, na qual 37,5% dos alunos não tiveram acesso, advém segundo a hipótese de Bodart e Silva da pesquisa ter sido realizada no ano de 2013 um ano após a introdução do Livro Didático de Sociologia no Plano Nacional do Livro Didático (PNDL). Apenas 12% dos professores de Sociologia usam com frequência o Laboratório de Informática em suas aulas, enquanto a maioria utiliza músicas caindo para 20,4% os que não utilizam, neste plano a hipótese é de que a música é um instrumento de fácil acesso e algo familiar no cotidiano dos estudantes (BODART e SILVA, 2016).

Mas porque isso se dá necessariamente? O cenário que se apresenta tem as seguintes características: limitações do Estado em manter um currículo relevante para os jovens brasileiros, o desenvolvimento da educação não está em primeiro plano na agenda política brasileira, a categoria de profissional de docente na educação básica vem sendo desvalorizada, em outras palavras, para que a engrenagem da educação e de todas as disciplinas, inclusive a de Sociologia possa se desenvolver de forma equilibrada, sem muitas lacunas é preciso um esforço quantitativo e qualitativo do Estado.

De acordo com Vargas (2011) presume-se que as Ciências Sociais, assim como a disciplina de Sociologia no Ensino Médio ocupe um lugar periférico no conjunto da hierarquia de saberes e práticas escolares, aspecto negativo que reflete diretamente no

desenvolvimento e percepção de sensibilidades sociológica¹⁰. Outra característica no quadro de formação docente da disciplina de Sociologia no ensino médio pode ser atribuída à gestão administrativa da educação, particularmente, o sistema público prioriza a economia de gastos na contratação de professores e recorre ao aproveitamento de docentes que tem formação em outras áreas para ministrar o ensino de Sociologia.

Estas informações fornecidas pelos dados salientam o quanto a Sociologia precisa firmar-se enquanto componente curricular do Ensino Médio, deslocar do seu passado conturbado para construir novas abordagens sobre seu conceito. Segundo Bodart e Silva (2016) a intermitência prejudicou a consolidação desta disciplina e ressalta como conclusão de sua pesquisa que as condições e oportunidades dadas aos docentes de Sociologia ainda estão muito aquém do necessário para realizar uma prática docente “decente” que possa resultar e capacitar discentes e não “dissidentes”.

De acordo com as OCNs (2006) a presença da Sociologia no currículo do Ensino Médio tem provocado muita discussão, e além da justificativa vista como clichê de “formar cidadão crítico”, entende-se que outras abordagens devem ser acrescentadas, vejamos:

[...] a Sociologia pode contribuir para a formação do jovem brasileiro: quer aproximando esse jovem de uma linguagem especial que a Sociologia oferece, quer sistematizando os debates em torno de temas de importância dados pela tradição ou pela contemporaneidade. A Sociologia, como espaço de realização das Ciências Sociais na escola média, pode oferecer ao aluno, além de informações próprias do campo dessas ciências, resultados das pesquisas as mais diversas, que acabam modificando as concepções de mundo, a economia, a sociedade e o outro, isto é, o diferente – de outra cultura, “tribo”, país, etc (OCNs, 2006, p. 105).

O problema da compreensão na inclusão da Sociologia no currículo do Ensino Médio está atrelado ao modo como foi definida, uma ciência com poucos consensos, que tem como mantra “formar cidadãos críticos”, obtêm em contrapartida, um retorno oficial que na prática vem se deparando com extremas situações de descaso na medida em que certos grupos se apropriam de sua representação.

Pensar o papel do docente como parte fundamental que colabora no processo de ensino – aprendizagem, e apesar das dificuldades tornar possível sua atuação, ressaltando o comprometimento que tem com os estudantes de realizar acima de tudo uma aprendizagem autônoma que se aproxima da realidade e contexto dos estudantes.

¹⁰ Compete pensar um projeto social, político e humano que se inclui na disputa e que constrói um tipo de educação e sociedade em que a formação não pode ser reduzida e adaptada a um modelo competitivo, mas a uma construção aberta envolvendo os sujeitos e relações sociais de forma crítica. (VARGAS, 2011).

4 É CHATO OU INTERESSANTE AS AULAS DE SOCIOLOGIA?

A experiência pedagógica da sala de aula pode enriquecer o conhecimento sociológico do docente e do discente a partir do momento em que ambos tornam-se sujeitos ativos no processo de ensino e aprendizagem. A mediação realizada pelo docente tem como objetivo introduzir os educandos na assimilação e percepção dos conceitos e teorias sociológicas, as quais referem-se à experiência prática da vida cotidiana e sua aparente naturalidade. Desse modo, a mobilização nada mais é que tornar possível ações pedagógicas que facilitem o entendimento dos educandos demonstrando a importância da Sociologia e seu papel na sociedade, estimulando o espírito crítico e autonomia do pensamento.

4.1 OS SENTIDOS DE MEDIAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA

A Sociologia é uma ciência social que se interessa pela conexão entre as ações humanas e o contexto histórico, como disciplina do Ensino Médio o professor será o mediador para a aprendizagem dos educandos nesse processo. Usando a referência da teoria de Paulo Freire sobre Pedagogia da Autonomia e o conceito de Imaginação Sociológica de C.W. Mills vamos construir nossas análises sobre o campo da prática educacional, evidenciando a mediação pedagógica, as interações, autonomia e os saberes produzidos como desafios permanente na vida do educador.

Como vimos no capítulo anterior na discussão sobre ensino e didática o professor não é portador de apenas um conhecimento, mas um portador de um saber em construção, partindo dessa premissa devemos ter em mente que o foco da mediação na aprendizagem escolar é o uso do pensamento para aprender não o conteúdo em si, consiste em ampliar a cultura do indivíduo, com intuito de que ele possa intervir de modo crítico e atuante em sua realidade e, através da interação com outros indivíduos, consiga refletir e transformar seu cotidiano (CARDOSO E TOSCANO, 2011).

Para viabilizar a mediação pedagógica de forma significativa Mills (1982) inclui que a prática educativa seja um trabalho de reflexão do docente sobre a imaginação sociológica para si e os estudantes. Estabelece essa ação como compreensão da história e biografia, as relações entre ambas dentro da sociedade, isto é, o indivíduo só pode compreender sua própria experiência e avaliar seu próprio destino, localizando-se dentro de seu próprio período, se

localizamo-nos em nosso período histórico estamos nos conscientizando de que vivemos uma biografia e percebemos os laços que nos ligam a uma sociedade específica.

Mills (1982) acrescenta que a imaginação sociológica estimula nossa curiosidade sobre a compreensão dos processos históricos que provocam mudanças sociais, ela é questão fundamental para as preocupações sociológicas contemporâneas, uma vez que, usando-a o indivíduo poderá passar de uma perspectiva a outra, indivíduos cujas mentalidades descreviam apenas uma série de órbitas limitadas passam a sentir-se como se subitamente acordassem numa casa que apenas aparentemente conheciam. Portanto, é na mediação, no processo de contextualização, interação, trocas e reflexão que os educandos adquirem uma nova forma de pensar, as decisões anteriores que pareciam sólidas, passam a ser, então, como produtos de uma mente inexplicavelmente fechada e após uso dessa reflexão sua capacidade de pensar volta a existir.

De acordo com Barrére e Sembel (2006) o sentido da mediação no ensino, é vista, em qualquer etapa escolar como a relação pedagógica que moderniza as disciplinas e os saberes, o fato de utilizar novas metodologias, novas técnicas escolares estimula bem mais os alunos a reflexão do que a imitação. É importante ressaltar que esse sentido de mediação didática não se cumpre apenas no momento da exposição da aula, consiste em uma renovação com o vínculo pedagógico de forma geral, desde o planejamento, seleção de conteúdos e avaliação da aprendizagem dos discentes.

Não há uma fórmula pronta para a sala de aula e atividade professoral, no entanto, Freire (2002) nos incita para uma discussão calorosa sobre a prática educativa quando argumenta que esta só se materializa quando existe uma relação entre educador e educando, ambos como sujeitos ativos no processo de ensino-aprendizagem. Para ele o respeito à autonomia do educando é, sobretudo quando o educador permitiu uma produção conjunta, baseada em um ensino libertador caracterizada na curiosidade epistemológica¹¹ tornando a visão ingênua (senso comum) em visão crítica.

Nesse contexto a autonomia é construída na medida que o educador toma como princípio de ensino um rigor metodológico em que a pesquisa e o diálogo dos saberes são permanentes (FREIRE, 2002). Ou seja, o diálogo faz parte da relação horizontal com o educando cuja abertura para os canais de comunicação se dá através da consideração e compreensão de suas experiências, valorização da sua história e realidade, quanto a pesquisa é essencial para o exercício ensinar-aprender do educador e educando levando em conta que a

¹¹ Descobrir que o processo de aprender e ensinar não é apenas uma tarefa embutida, mas perfilada em si, em um processo que pode deflagrar uma curiosidade crescente, que pode torná-la mais e mais criador (FREIRE, 2002).

consciência do homem é inacabada, tudo está em transformação, os conteúdos, as realidades sociais, as aprendizagens.

A partir das considerações dos autores acima podemos perceber como é primordial refletir sobre a mediação como forma didática, pois ensinar exige criticidade tanto do educador quanto do educando. Os sentidos da mediação estão vinculados as motivações e mobilizações, sendo necessário um olhar mais atento do docente na própria articulação, da postura, do debate que flui na pequena participação de um, dois ou mais alunos, o que acontece no espaço interno e externo da aula deve produzir sentidos capaz de potencializar a forma que o aluno enxerga sua realidade e ações.

4.2 POLIFONIA DO DISCURSO

Como vimos a imaginação sociológica é uma ferramenta para que olhemos o mundo a nossa volta com olhos mais atentos aos significados, que por vezes, estão ocultos de nossas ações sociais, a autonomia também construída através do trabalho pedagógico do professor fomenta no educando a criticidade, estimula-o a sair da sua zona de conforto e buscar algo novo. Na pesquisa buscamos analisar se essa imaginação sociológica e a construção da autonomia fazem parte do trabalho dos docentes para os discentes, destacando em quais momentos ocorre a aprendizagem dos estudantes, recorrendo a discussões anteriores sobre ensino, didática estratégias e mediação. Iremos atribuir a cada participante a nomenclatura de Docente A, B e Discentes A1, A2, A3, A4, A5, A6, A7, A8, A9, A10, A11, A12.¹²

A análise do discurso será feita a partir de eixos temáticos tanto nas entrevistas (docentes) quanto no grupo focal (discentes). Para entender os sentidos subtendidos é preciso se atentar para as práticas discursivas embutidas, por exemplo, nas relações de saber/poder, localização do contexto sócio-histórico e linguístico, mantendo uma atitude de dúvida diante dos aspectos investigados (ALVES e PIZZI, 2014).

Observa-se que o discurso é polifônico, com vários sentidos caracterizados por um jogo de vozes que dialogam entre opiniões que concordam/discordam, falam pouco/muito, apontam soluções/se conformam, há um cruzamento constante, apesar da pluralidade. Para Alves e Pizzi (2014) a importância de analisar o discurso é “encontrar mecanismos de subjetivação e as táticas das relações de poder que excluem outras possibilidades discursivas,

¹² Dois grupos: Docente A (Discentes A1, A2, A3, A4, A5, A6) e Docente B (Discentes A7, A8, A9, A10, A11, A12).

seja interditando, rejeitando ou separando o verdadeiro do falso, ou fazendo tudo isso de uma só vez, conforme aponta Foucault”.

4.2.1 Os discursos dos meus sujeitos

A) Docentes

Eixo 01- Formação e dificuldade

O ponto de partida de nossa pesquisa deu-se em verificar sobre a formação dos professores, há quanto tempo lecionam e dificuldades que encontram nas aulas de Sociologia, quanto a isto vejamos:

✓ Docente A

Leciono á cinco anos, sou formada em Direito e em Administração de Empresas. A única dificuldade que eu encontro de ensinar Sociologia é a recepção do próprio aluno quanto á disciplina. Eu tenho duas formações e não tenho dificuldade em lecionar até porque minha formação é uma ciência a fim, todas duas, mas é a recepção do aluno, ele não gosta da disciplina. Quando você chega numa turma que vai ver a primeira vez de Sociologia é de pronto aquela rejeição, com o tempo você consegue trazer parte da turma, cem por cento nunca! Eu sinto resistência em todas as turmas, agora a dificuldade é maior no primeiro ano.

✓ Docente B

Estou lecionando a nove anos, minha formação é na UFCG em Ciências Sociais, licenciada em Ciências Sociais e Bacharel em Sociologia e Pós-Graduada em Educação de Práticas Interdisciplinares. A maior dificuldade que encontro é em relação a hora aula, o fato de no currículo a disciplina de Sociologia ter apenas uma hora aula semanal é um fator crítico, porque esse período, essa distância de aula, muitas vezes, faz com que os alunos perca o fio da aula, e na aula seguinte você tem que fazer uma revisão pra dar continuidade. As outras dificuldades eu não considero específica da disciplina de Sociologia, mas eu acho que são mais gerais mesmo em todas as outras áreas, então, a maior continua sendo o tempo de hora aula.

Dada a realidade de ambos os professores podemos destacar a diferença encontrada como principal dificuldade de ensino, de um lado a recepção dos alunos, de outro o tempo de hora aula, situações contraditórias que estão a margem como problemas para a aprendizagem dos estudantes. Como análise podemos refletir na fala do docente A o quanto recai sobre os estudantes a não obtenção de êxito do ensino, culpabilizar o estudante é afirmar que a prática educativa não faz parte de uma ação conjunta, nega, assim, a pluralidade dos sujeitos ativos que corporifica a aula, se é perceptível a rejeição dos alunos quanto a disciplina alguma coisa deve ser feita. Sabendo da realidade do ensino brasileiro ao tornar cotidiano que um docente mesmo sem formação na área leciona, e de como esta categoria vem sendo fragilizada diante das limitações imposta pelo Estado cabe ao docente pensar que ensinar exige reflexão crítica sobre a prática que envolve um movimento dinâmico e dialético. Apoiados na teoria freiriana esse processo dialético ocorre quando o educador faz uma auto avaliação sobre o fazer e pensar pedagógico, por exemplo, questionamentos sobre que oportunidades eu quero dar a meus alunos para que ele produza conhecimento e aprendizado, percebendo esta rejeição quais são as exigências do processo de ensino que direcione para uma interação mútua.

Quanto a hora aula elencada pelo docente B como dificuldade toma-se como consequência o isolamento da disciplina na estrutura curricular, mantendo um confinamento no sentido de limitar a problematização dos conteúdos e interação com os educandos. Além disso, percebe-se que o docente mantém uma preocupação constante com o conteúdo programado, uma vez que, entende tempo e lucro como fatores elementares para um bom rendimento salarial.

Eixo 02- Concepção sobre ensino e estímulo da instituição a qual foi formada sobre metodologias de ensino

✓ Docente A

Penso que ensinar é facilitar os caminhos que serão percorridos pelo aluno, somente aquela mediação, uma facilitação nada mais do que isso. A instituição não estimulou porque não foi licenciatura que estudei.

✓ Docente B

Eu compreendo que o ensino vai além da transmissão de conteúdos, de uma forma mais direta, objetiva seria justamente compartilhar conhecimento adquirido, mas você também

aprender, porque o ensino não de dá apenas por parte de quem tá explicando o conteúdo, mas também aprender através das experiências e convivência com os alunos. Quanto a instituição estimular metodologias de ensino, tive poucas disciplinas voltadas para a prática, na verdade, a universidade ela dá o conhecimento teórico, mas agente só obtêm essa metodologia na prática, e não há uma metodologia perfeita, ou aquela que você vai usar apenas ela, você vai implementando de acordo com a realidade da sala, de acordo com o perfil do aluno de acordo com o cotidiano e perfil da turma.

Pensar em ensino pode nos provocar a pensar nas construções, nas trocas, parcerias que podem ser concebidas através das experiências. Como acrescenta Vargas (2011) um trabalho de ensino e aprendizagem adequado não exige apenas uma boa formação, faz parte de um processo lento e gradual que envolve mobilização. No entanto, se a instituição de formação não toma como ferramenta importante o estímulo a metodologia cabe ao professor tomar para si esta tarefa. A docente A concebe ensinar como forma de mediar os caminhos para os alunos, podemos problematizar essa concepção quando já nos foi apresentado anteriormente a rejeição das turmas pela disciplina, então, nos faz questionar que conceito de mediação esse docente tem, ao acrescentar “uma facilitação nada mais do que isso” entende-se que este conceito se limita a ideia de mediar apenas no momento de exposição em sala de aula, e como vimos os sentidos de mediar perpassa esse campo, é um trabalho de renovação do vínculo pedagógico de forma geral, é sobretudo pensar em como vou mediar quando estou planejando, refletindo se é este o conteúdo, a linguagem, a teoria que eu vou apresentar.

Em contrapartida o docente B, numa perspectiva mais freiriana toma para si a ideia que ensinar não é transmitir, o educando não é depósito, portanto a educação não é bancária. Ao assumir que mesmo em um curso de licenciatura com poucas disciplinas voltadas á prática, compreendeu a partir da convivência em sala de aula que o conhecimento é compartilhado e adquirido, você ensina mais também aprende, observa-se que internalizar essa concepção de aprendizado mútuo é um passo para adentrar na realidade da sala, identificando aos poucos o perfil dos estudantes, seu cotidiano, abrindo espaço para adequar certas metodologias.

Eixo 03- Relevância de adotar didáticas e metodologias e de que forma utilizam em sala de aula

✓ Docente A

É extremamente importante o uso metodologias para trazer a atenção dos alunos, até pela aceitação da matéria... e costumo trabalhar através de textos estabelecendo sempre o diálogo. Quando o PIBID ainda estava na escola ficava mais fácil e a gente um sucesso maior com relação aqueles pequenos curtas que eram levados e discutidos, mas hoje a gente trabalha com filmes completos, eu não faço esses recortes que os pibidianos faziam, gosto muito de texto complementar, porque os livros já estão ultrapassados.

✓ Docente B

A gente vai aperfeiçoando a cada ano, uma nova didática, mas a gente costuma trabalhar o ensino da Sociologia buscando trazer pra realidade desse aluno, porque Sociologia exige muita reflexão crítica, exige muita leitura, mas infelizmente não chegamos na primeira série do ensino médio tendo essas práticas. Portanto, é essencial didáticas e metodologias diferentes, eu não coloco só nas aulas de Sociologia, mas pra qualquer disciplina, para que desperte e possa modificar um pouco, porque se não a aula fica rotineira, cansativa para o aluno. Como eu falei apesar da dificuldade do pouco tempo, mas eu busco tá trazendo músicas, propagandas, procuro fazer com que eles tragam alguma coisa diferenciada pra gente trabalhar o conteúdo, busco não me limitar ao livro didático. Tem aula que a gente se atem ao livro didático, mas geralmente a gente tá implementando outros recursos, atividades voltadas pra jogos. Com cinema também, com o cinema por ter a parceria com o PIBID a gente faz algumas sessões, não numa frequência muito grande por conta do tempo, geralmente a gente trabalha com curtas na sala de aula. A literatura nós já trabalhamos algumas obras e também fizemos algumas atividades com teatro, uma obra trabalhada foi Clara dos Anjos, falava sobre preconceito, discriminação, exclusão social.

Podemos perceber na fala do docente A que colocar em prática tudo que se idealiza no campo das ideias é algo difícil, principalmente quando não se tem tanto interesse. Nesse sentido, não é possível demonstrar aos estudantes o exercício da imaginação sociológica, uma vez que seu próprio entusiasmo está limitado, as suas capacidades também ficam limitadas isso reflete diretamente na relação de ensino aprendizagem dos educandos. A imaginação sociológica é um exercício tanto do professor quanto dos estudantes para viabilizar o diálogo

mútuo, se há um engessamento das ideias e obsolescência dos métodos de ensino a aula e o aprendizado será cansativo e repetitivo.

Com relação a fala do docente B percebemos não um ideal de metodologias, mas uma diversidade se comparada ao docente A. Temos um elemento importante na fala de ambos, a presença dos PIBIDIANOS a qual está o tempo todo sendo apontado como um realce que movimenta, instiga o ensino aprendizagem de forma a procurar na diversidade didática o apoio para potencializar o papel/natureza da disciplina.

Segundo Bourdieu (2000) cabe ao sociólogo realizar em nome da objetividade do seu trabalho ou de sua análise vigilância epistemológica, ou seja, o exercício constante de revisitar seus conceitos e métodos. Assim, qualquer atividade de ensino pode ser uma reflexão mútua que envolve o professor/ aluno, embora não necessite que todas as aulas sejam dinâmicas, a reflexão necessita vir acompanhada do conhecimento sociológico.

Eixo 04- De que forma costumam trabalhar os recortes (conceitos, temas e teorias) e se algum aluno já pediu pra trabalhar algum tema que estava fora do planejamento

✓ Docente A

Então, primeiro eu trabalho o tema, e seguido do conceito e suas teorias, porque eu entendo que dessa forma fica didaticamente mais fácil do aluno assimilar. É preciso entender que a gente tem além de ser uma escola pública, a gente é de uma região muito cheia de dificuldade, sabe muito cheia de dificuldade, então eu pego um aluno de primeiro ano que é surreal a situação dele como aluno, então, a gente tem que procurar a forma que fique mais didática dele entender aquele conteúdo que a gente tá passando. Nunca, jamais me deparei com um aluno que me pedisse qualquer coisa diferente do que eu teria planejado, nenhum aluno chegou pra me pedir isso, são passivos demais, muitos passivos, totalmente passivos e isso eu acho que reflete diretamente na questão da importância da sociologia e da disciplina de Sociologia, da formação de cidadão, e instigá-los a ler mais, a estudar mais, a conhecer da sociedade onde eles vivem, de exigir, de querer, de solicitar, de tudo assim, acho que num panorama geral se faz muito importante.

✓ Docente B

Não é que a gente trabalhe os recortes isoladamente, mas geralmente eu busco organizar a seguinte forma: O primeiro ano, quando esses alunos chegam do ensino fundamental não

adianta agente tentar trabalhar uma teoria se eles ainda nem compreendem os conceitos, então eu busco trabalhar temas e conceitos sociológicos, e aí apresentá-los como a Sociologia está presente dentro desses conceitos, no segundo ano vamos pra um momento de transição, que a gente aprofunda um pouco as teorias apresenta autores clássicos, voltados também pra temas e conceitos, no terceiro ano começamos a trabalhar teorias, a questão da relação entre indivíduo e sociedade, os clássicos, alguns autores contemporâneos, da relação de trabalho, divisão social do trabalho pra Durkheim, porque no terceiro ano a gente aprofunda esse aluno ele vem discutindo, ele já vem conhecendo conceitos, temas sociológicos, e aí ele já vai ter um respaldo maior pra se aprofundar na teoria. Às vezes, eles pedem pra trabalhar um tema, por exemplo, essa semana aconteceu, o aluno que tá no primeiro ano, ele perguntou quando é que a gente vai estudar a questão do poder, e aí eu orientei, conversei com ele que geralmente é um conteúdo trabalhado no segundo ano pra não cometer aquilo que havia falado no início da entrevista, da gente tá repetindo conteúdos devido o material ser volume único.

Temos dois pontos de reflexão: o docente A se exclui da autonomia pela passividade e rejeição dos estudantes, o docente B expõe os recortes por etapas. Freire (2002) destaca que ensinar exige assunção como tarefa mais importante da prática educativo-crítica, o educador pode assumir e propiciar condições em que os educandos possam se relacionar uns com os outros. Nesse caso, se o educador assume essa responsabilidade mesmo sabendo das condições dos educandos em lugar da passividade as interações instigadas pelo posicionamento e iniciativa do educador tornariam a aula um ambiente de troca de saberes. De forma mais detalhada o docente B tem um certo cuidado para não avançar nos conteúdos devido o livro didático ser volume único, o espaço de interação é maior quando o educador se permite ter esses cuidados de analisar o que eu posso/ até onde posso ir com determinada turma, observar o grau de entendimento por etapas é uma estratégia de apoio para avançar no ensino aprendizagem.

B) DISCENTES

Eixo 01- Vocês gostam da disciplina de Sociologia? Vocês consideram que ela é importante?

✓ Grupo 01(Discentes do docente A)

A1- No primeiro ano quando eu dei de cara com ela, assim, sabe eu não gostei, achei que não fazia sentido, não tinha o porque de estudar Sociologia, nem me dava muito bem com a

professora. No entanto, esse ano, um ano de seu estudo, após fazer o ENEM eu vi que ela tem uma força maior na escola, não só na escola, mas fora, foi o ENEM que me mostrou que a Sociologia é importante e que é sim necessária pra vida de todos.

A2- Eu gosto da disciplina de Sociologia e ela é necessária pra entender o contexto.

A3- Não gosto da disciplina de Sociologia, não me identifiquei com ela, não acho ela necessária nem no presente e nem no futuro.

A4- Eu não gosto muito, acho que é porque estou conhecendo ela e não sei se essa concepção pode mudar daqui pra frente.

A5- No primeiro ano senti que ela era muito importante, eu tinha muitas curiosidades pra saber como ela era, só que agora no segundo e terceiro ano eu não sinto mais isso, porque não aprendemos Sociologia, como a professora também ensina Filosofia só dá importância aos conceitos dessa disciplina e é uma aula na semana.

A6- Gosto de Sociologia e considero que ela é importante porque é uma ciência como qualquer outra só que seu objeto de estudo é a sociedade, falta abordar melhor ela aqui na escola.

✓ Grupo 02- (Discentes do docente B)

A7- Eu gosto porque fala do comportamento humano, e explica várias coisas sobre o racismo.

A8- Eu gosto de sociologia, eu não entendo muito porque, tipo a gente já é social, então pra mim não sei se é importante, porque a gente já é social.

A9- Eu considero sociologia importante pra caramba, porque ela é muito parecida com História, é o que se passa entre indivíduo e sociedade, você tem que entender porque o ser humano tem e criou um pensamento, porque existe várias divisões sociais e sociologia se enquadra mais em História, mais sociologia é isso de fazer parte de tudo.

A10- Eu gosto da matéria de Sociologia e acredito que ela seja importante sim, porque todos nós temos que saber sempre aprofundar mais nos conceitos também de Sociologia.

A11- Sim, também gosto de Sociologia, também acho super importante porque, tipo ela vai nos ensinar a conhecer mais a sociedade, ser mais sociáveis, conhecer mais o que as pessoas pensam, a sociedade como um todo.

A12- Eu adoro Sociologia, porque como eu já disse tem toda aquela questão de estudar o indivíduo a relação com seu convívio social, todos esses aspectos pegam temas muito impactantes, isso faz ser uma disciplina maravilhosa.

As afinidades do pensamento expostas nesta discussão revelam que de forma geral a maioria dos discentes gosta da Sociologia e a considera importante, no entanto, é confuso quando argumentam porque a consideram importante, as respostas se encontram numa estagnação frequente de conceituação: é uma disciplina que estuda a sociedade, o homem e seu comportamento. Tendo em vista que o grupo é diversificado com estudantes da 1ª a 3ª série do ensino médio esse tipo de argumentação é restrita, uma vez que, a disciplina de Sociologia tem como proposta fomentar a visão crítica apontando, assim, para as diversidades e multiculturalismo, entretanto, podemos constatar que nem sempre o papel da Sociologia pode ser dado como bem conhecido pelos próprios alunos. Nessa perspectiva o docente tem como tarefa através de seu trabalho pedagógico diluir as especificidades da sociologia para desprender a monotonia visual que os educandos têm sobre ela.

Eixo 02- De que forma o professor/a de vocês apresenta a disciplina de Sociologia?

✓ Grupo 01(Discentes do docente A)

A1- Comparado como ela foi apresentada ano passado, esse ano a professora está apresentando de uma forma mais fácil, explicando como a Sociologia age e interage na sociedade, a diferença que faz entre as pessoas e que tem conceito sobre o mundo, a sociedade.

A2- A forma que ela ensina hoje é mais fácil que do ano passado, ano passado os conceitos eram fechados, e melhorou um pouquinho.

A3- Foi uma surpresa porque não foi a professora que apresentou ela, na verdade, foram os estagiários do CDSA com uma explicação básica, falaram sobre os mestres da Sociologia e na outra aula tivemos uma prova, nas semanas seguintes veio outra estagiária que apresentou melhor sem correria se aprofundando nos conceitos. Quando os estagiários terminaram a professora voltou com outro conteúdo, ela dá aula de Sociologia e Filosofia, e aí fica confuso.

A4- Quem apresentou a disciplina foram os estagiários e depois a professora retornou, explica algumas coisas, mas nada tão explicado, tudo muito ralo, rasteiro e pinceladas.

A5- Olha recordo que no meu primeiro ano foi muito bom porque tinha o PIBID trouxeram dinâmicas que ligava a conceitos a teorias, trabalhava com temas atuais e não apenas clássicos eu particularmente aprendi muito com eles, do segundo ano até agora no terceiro não tivemos tanta prática como no primeiro. A disciplina foi se tornando cansativa, uma coisa que é só texto ou perguntas pra você responder ainda mais perguntas particulares que, muitas das vezes, os alunos que estavam comigo não queriam responder, na verdade a gente quase nem estuda, quando estuda é apenas um conceito e faz uma dissertação sobre aquilo que você leu e pronto.

A6- Basicamente hoje ela apresenta só o que é sociedade não sai disso, é só esse conceito. Mas, lembro que no primeiro ano e um pouquinho do segundo teve discussão sobre temas como Gênero, Política, Estado, temas da atualidade de fazer você criticar mesmo, isso com a galera do PIBID e que foi necessário estudar, hoje não, é tudo muito fechado.

Grupo 02 (Discentes do docente B)

A7- Ela apresenta de forma muito interessante que deu pra gente querer ir mais afundo na matéria, e agente vai desenrolando aos poucos.

A8- Ela explicou como surgiu a Sociologia, explicou um monte de coisa, ai ela apresenta no data show pra facilitar nosso aprendizado.

A9- Assim, no terceiro ano, é uma nova professora, ano passado era outro, e a de agora gosta muito de usar esquemas pra gente conseguir lembrar mais rápido, ela não quer que a gente leia só por ler, ela faz a gente poder debater com ela pra ver se estamos não certos, eu não gosto de falar a palavra certo e errado, talvez saber se estamos convincentes do que estamos falando. Sociologia é uma coisa que não tem fim, então eu consigo dizer que ela ensina com a capacidade muito grande, principalmente pra gente que aprendemos tanta coisa em pouco tempo e em poucas aulas, porque infelizmente é só uma aula por semana, mas ela faz a gente ver um lado porque eu sou assim.

A10-No começo as aulas de Sociologia não era lá aquelas aulas que você diz: que aula proveitosa, mas com o passar das aulas a gente foi, ela foi desenvolvendo metodologias diferentes, debates com a gente que conseguimos entender o diálogo aberto, na questão dela explicar conseguimos desenvolver, a maioria da turma pegou um gosto de estudar.

A11-No começo era bem chato as aulas dela, porque ela falava de história e eu não gosto de história, aí eu não tinha muito interesse. Já nesse ano, do meio do ano pra cá ela começou a trazer assuntos que estavam na mídia, tipo um dos assuntos que ela passou agora a pouco que foi até um seminário que a gente fez sobre a homofobia, questões de minorias que é super interessante pra gente jovem hoje em dia. Depois que ela trouxe isso eu vejo que é realmente importante pra gente ver o que tá acontecendo não só aqui e agora, mas acontecendo lá fora, porque elas estão fazendo aquilo, porque elas pensam daquele jeito, e o jeito que ela ensina não só faz pegar um livro e colocar a gente pra ler, ela sempre ler uma parte e vai e explica e pergunta se alguém tem alguma dúvida, se tiver ela vai ouvir a opinião de cada um, ela vai debater com todo mundo.

A12- Particularmente o meu primeiro ano com Sociologia não foi muito proveitoso, porque não era uma professora formada em Sociologia, então foi uma coisa bem superficial e também houve um período muito grande sem aulas porque aconteceu alguma coisa com a professora. A partir do segundo ano foi que a gente foi realmente ver Sociologia como era, e no terceiro ano agora, a professora a metodologia dela é simples, porém muito eficaz, que é aquela conversa, aquele diálogo entre aluno e professor, tirar dúvidas sempre na hora.

Ao tratar desse tema tão particular que envolve a relação professor/aluno/disciplina nos deparamos com realidade de que o ensino exige a cima de tudo comprometimento, com os estudantes, com a categoria profissional, com a escola e a sociedade. A fala do grupo 1 é bastante pertinente para refletirmos a construção da autonomia do docente e do discente, o próprio educando percebe a ausência de criatividade de planejamentos dos conteúdos e interação nas aulas ao afirmar que é uma “explicação rasteira, superficial” o preparo científico do professor com ou sem formação na área tem como ponto de partida a criação crítica adquirida quando estão dispostos a perguntarem a si mesmo: A quem ensinar? O que ensinar? Quando ensinar? E como ensinar?.

Em contrapartida o grupo 2 nos revela como aos poucos as aulas foram se tornando interessantes, o que é positivo pois significa que o docente percebe em que momento os educandos estão adquirindo mais aprendizado. A estratégia dos esquemas permite a construção do diálogo, do diálogo a construção dos questionamentos e dos questionamentos o interesse mútuo por diversos fenômenos fazendo o educando perceber que a Sociologia é uma área de conhecimento comprometida em sua natureza com a efetividade de suas descobertas (GUIMARÃES NETO et al, 2012).

Além disso, em ambos os grupos percebe-se interesse dos estudantes por temas atuais ligados á minoria, eles se identificam porque são questões da própria realidade instigando-os a imaginação sociológica na relação entre contexto histórico e a própria biografia, discutir gênero, tolerância religiosa é mais interessante porque permite abertura para que possam expor suas opiniões, contar experiências, pesquisar, então, há uma grande possibilidade de desenvolver o estranhamento e desnaturalização dos fenômenos sociais. Desse modo, para facilitar a reflexão da vida prática cabe ao professor a partir de referenciais teóricos próprios da área potencializar o ensino, tomando o devido cuidado com a linguagem, os recortes, e as estratégias a serem abordadas em sala de aula, promover uma adequação favorável ao ensino-aprendizagem dos educandos.

Eixo 03- Nas aulas de Sociologia seu professor/a costuma usar metodologias diferentes? Quais?

✓ Grupo 01(Discentes do docente A)

A1- Ela utiliza mais o livro e textos dissertativos para falar de conceitos dizer o que acha dele, e que faz refletir que o mundo não tem apenas uma resposta para cada pergunta, mas sim, milhares de respostas para cada pergunta. Utilizar o livro é importante, mas não é suficiente, geralmente fazemos em dupla, então um sempre acaba entendendo mais e o outro menos.

A2- Ela trabalha com o livro e trás textos pra gente interpretar, são textos grandes que nem dá tempo de ler, é um pouco chato.

A3- Ela trabalha os conteúdos verbalmente, sem o livro, distribui uns textos e comenta um pouco.

A4- Ela usou apenas uma vez o livro, geralmente chega e começa falar nos conteúdos, trabalha muito sobre racismo e brigas familiares, mas eu não consigo entender sua relação com algum conceito sociológico.

A5- Ela fez uma dinâmica com uma folha e um conceito sobre o que é Sociologia ou Filosofia, e outra vez que era pra expressar um sentimento bem particular, bem pessoais mesmo, eu não entendi nada porque não teve ligação com nenhuma teoria sociológica.

A6- A didática que ela usa é falar só isso, uma vez ela trouxe uma dinâmica pra falar coisas pessoais, eu não entendi e no final ela só deu conselhos, e apesar de não entender assim

como maioria não entendeu e não entende. Não questionamos porque se for questionar entra num debate sem fim. Outra coisa é que ela nunca trabalhou o livro de sociologia, eu nem conheço e as coisas seguem assim.

✓ Grupo 02 (Discentes do docente B)

A7- Ela coloca televisão, explica com data show vídeos.

A8- Ela explica muito com data show e vídeos, também muita leitura acompanhado de debate, o entendimento é melhor assim, as coisas ficam mais claras.

A9- Ela usa muito esquema pra gente aprender de uma forma muito mais rápida e que não sai da nossa cabeça, eu, por exemplo, quando realmente faço um esquema sobre um tal assunto ligando vários outros entendo mais rápido, você aprende muito mais é tipo você sabe? Então me diga o que você sabe que eu posso acrescentar. Ela usa o livro também, que inclusive é muito bom aquele livro, também mostra vídeo aulas porque tem gente na minha sala que não entende aí ela apresenta o vídeo. Ela é muito competente e sabe o que faz.

A10- Na nossa turma ela usa o livro, debates e questão de vídeo aula até agora ela não apresentou, possa ser que ela apresente.

A11- Ela usa bastante o livro, ultimamente está passando seminários pra gente não ficar naquilo ela falando, explicando todo dia, pra gente se aprofundar mais no assunto. Uma vez já passou um documentário no tema de racismo, atividades complementares sempre nos ajuda porque ela explica muito bem através de esquemas e mesmo que um ou outro não entenda de cara ela explica novamente.

A12- Ela leva vídeo aulas, trabalha com slides e a conversa que é o mais importante dentro da sociologia porque você sabe ligar um conceito, uma teoria a realidade.

Partindo do pressuposto que a dimensão interativa deve ser de natureza ativa, a aprendizagem será significativa quando professor e aluno tiverem oportunidades de apresentar papéis ativos e complementares reduzindo a ideia de centralidade e monopólio do saber. Conforme o discurso do grupo 01 a aula está reduzida a uma conversa que não dialoga com teorias sociológicas, em algumas turmas o docente utiliza o livro, em outras nem mesmo apresenta, essa relação vertical coloca o aprendizado do estudante e a legitimidade da

disciplina em riscos, é tarefa do professor organizar o planejamento do ensino, selecionar os melhores recursos com o intuito de facilitar o entendimento, visando a necessidade e as peculiaridades de cada turma.

De acordo com Guimarães Neto et al. (2012) a educação está ligada simbioticamente com a Sociologia pelo o uso da imaginação sociológica por parte do professor que precisa realizar constantemente um diagnóstico do ambiente escolar em que se insere, esse diagnóstico deve e pode oferecer material para suas aulas. Para cultivar a imaginação sociológica os recursos didáticos, assim, como as metodologias devem ser explorados de modo que as interações possam ser educativas, que possibilite o aluno a participar diretamente das atividades atribuindo significado ao conteúdo e articulando com esquemas da realidade.

Como podemos perceber o grupo 02 consegue compreender melhor os conteúdos dada a utilização de estratégias e metodologias pelo docente, não de forma ideal, mas diversificando em cada turma. Isso significa que o professor deve conseguir mobilizar os educandos através de ações pedagógicas na qual estão articulados necessidades concretas e específicas da disciplina e deles mesmos, trata-se da interação dialógica reinventada na mediação para que ele como sujeito desse processo possa participar, analisar, criticar, e aprender.

Eixo 04- Que tipo de recursos e didáticas vocês mais gostam que o professor/a utilize no intuito de facilitar o ensino e aprendizagem?

✓ Grupo 01(Discentes do docente A)

A1- Seria interessante ela trazer mais o data show porque vai trazer facilidade a compreensão e desenvolvimento de algum tema, acredito também que como é apenas uma aula na semana se usasse essa ferramenta como didática economizaria tempo, nos deixava mais próximos até de outros temas que possivelmente poderia surgir, ou vídeo aulas, outros vídeos que ela nunca trouxe mostrar outras perspectivas além da opinião dela e formular em mim um conceito ou ideia sobre determinado assunto.

Pode ser filmes com pouca duração, com a participação da nossa ideia de tema e não apenas a dela, porque se o tema também partir da gente como sugestão, aí pode ser um tema que a maioria da turma tenha dúvidas e que esclarece algo sobre a sociedade e influencia na vontade de opinar, mesmo sendo senso comum essa ideia com a ajuda dela pode tipo amadurecer.

A2- Acho que trazer vídeos e debater após os vídeos com um teor sociológico e não eu acho isso, ou aquilo.

A3- *Sair da exposição verbal e expor vídeos porque facilita pra você debater, muitos outros professores fazem isso e dá certo, também trazer pessoas com experiências sobre o tema, coisa real.*

A4- *Trazer vídeos, trabalho pra pesquisar que ela nunca passou, uma vez deu a ideia de seminários, mas não colocou em prática, uma pesquisa seria interessante pra estimular o aprendizado, entende.*

A5- *Na minha concepção eu queria que fosse mais diálogo fundamentado em teoria trabalhar com práticas e não apenas com textos que ela seleciona de opinião dela deixasse a gente se expor também, porque tipo Sociologia e Sociedade a gente faz parte dela, temos que se aprofundar nela, ano que vem faculdade, pessoas novas. Seria interessante o uso de vídeos e cinema pra tomar goito pela disciplina.*

A6- *O recurso e didática do uso de documentários fortalece a ideia de reflexão, no tempo que o PBID atuou aqui produzimos uns curta- metragens junto da teoria foi muito aprendizado, acho que se juntar isso tudo dá certo pra todos.*

✓ Grupo 02 (Discentes do docente B)

A7- *acho que fazer mais seminários.*

A8- *O recurso que mais gosto é o livro didático porque tem leitura e eu gosto de ler e não de escrever e eu gostaria muito de um seminário.*

A9- *Utilizar abordagens dos conteúdos com fatos reais e não apenas fictícios, sei que a novela é uma ficção mais é uma realidade pra muitas pessoas agora, é interessante utilizar métodos dinâmicos, mas nem tão dinâmicos assim porque ninguém aqui é criança pra poder ficar usando sempre pra que possa aprender nada ora do limite, mas que pudesse contemplar a turma toda seja com leitura como contos ou filmes.*

A10- *Acho que os documentários e também que ela sempre continue com o diálogo. A questão dos documentários ajuda muito quando abordado com diálogo.*

A11- *Ela usa muito o livro, mas acho que a maioria dos meus colegas prefere que levasse mais documentários, um exemplo, uma pessoa que sofreu com a questão da homofobia, tipo um gay, levasse um depoimento dele podia pegar da internet se aconteceu alguma coisa com ele, mas também fazer redações, textos que aconteceram com uma experiência de dentro da*

sala, da escola ou da cidade porque se não fica muita ficção a gente vê muito na televisão e no celular e nossa realidade seria mais fácil pra aprender porque 70% da minha turma não gosta de ler e ela trazendo isso todo mundo assiste, participa, faz rascunhos sobre o que passou e depois teríamos uma conversa.

A12- Como eu não tenho muita dificuldade dentro da disciplina de Sociologia acho que o essencial pra compreender o conteúdo é a conversa, o professor passar o conteúdo e se eu tiver dúvida eu tirar a minha.

Foram elencados por ambos os grupos vários recursos e metodologias didáticas que poderiam tornar ainda mais interessante o ensino de sociologia, no entanto, nos atentemos ao detalhe de que o debate e o uso de vídeos/documentários são recorrentes em suas falas, isso nos provoca a pensar como a ação pedagógica não deve ser tomada pelo docente como algo pensado apenas por ele, pelo contrário, estes questionamentos deixa cair assim, por terra, a ideia de que apenas o professor detém o saber e que aos outros cabe apenas receber sem questionar.

Freire (2002) nos alerta para a formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática, é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. É nesse sentido que a autonomia ganha espaço, trabalhar com várias perspectivas temáticas e didáticas para sistematizar e contextualizar os conceitos, as teorias e inserir na realidade cotidiana do estudante considerando útil suas intervenções e ações.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise empreendida nesse conjunto de discursos evidencia toda uma construção sobre o ensino da Sociologia que desde o percurso de 1930 com o advento da industrialização brasileira vem se desdobrando em múltiplas facetas, cenários e atores que ao mesmo tempo se inclui/exclui na busca pelo reconhecimento e legitimidade desta ciência. Reconhecimento e legitimidade são dois aspectos diferentes, vimos que após passar por um longo tempo de intermitências e em 2008 a Sociologia passa a ser obrigatória no currículo do ensino básico, isso a torna legítima, mas ser reconhecida pelas demais áreas de ensino, estudantes, escola é outro processo que, na verdade, se apresenta como o grande desafio para quem ministra esta disciplina.

Ao traçar o perfil dos docentes de Sociologia no Ensino Médio brasileiro percebemos os avanços obtidos pela luta, no entanto, revelam como o espaço que nos é cedido é o centro para potencializar e estabelecer avanços futuro, é necessário que metas e objetivos passem a ser planejados e colocados em prática no sentido de unir teorias, ideias e praticá-las. Nessa perspectiva alguns elementos são primordiais: a prática educativa deve ser formulada por meio de reflexão e autoavaliação constante, o ensino- aprendizagem é mútuo, a relação professor/aluno tem como base o respeito, o comprometimento e a liberdade para a construção da autonomia de ambos.

A discussão sobre ensino, didática e mediação é pertinente porque a problematização dos dados das entrevistas e grupo focal revelaram as dificuldades dos docentes e os impasses dos discentes, colocando frente a frente erros, acertos, encontros, desencontros e nesse contexto o aprendizado é o principal aspecto que caracteriza e fundamenta as ações. Como a finalidade da pesquisa foi saber como a forma de ensino baseado em estratégias, didáticas e metodologias impactam na aprendizagem do educando fez-se necessário relacionar as falas, contextos, os cenários para que o sentido real dos discursos fossem penetrados.

Como conclusão das falas enxergamos que o docente A que não possui formação na área, mas leciona a disciplina não toma para si a tarefa do reconhecimento desta ciência, não apenas pelo motivo de não ter formação na área, outros elementos que são de extrema importância não fazem parte do seu perfil enquanto educador. A ausência de planejamento perceptível na sua fala e na discussão com seus discentes está tão explícita que de forma crítica seu mínimo esforço fragmenta seu trabalho, o aprendizado dos estudantes e o papel/natureza da disciplina que não é apresentada ou problematizada. Só é possível a construção da autonomia e imaginação sociológica se a forma que o docente pratica suas

ações pedagógicas estiverem conectadas ao estímulo de mobilizar os educandos tornando real o processo de ensino aprendizagem, oportunizar o aluno á experiências partindo da relação entre os conceitos e teorias com a própria realidade, ou seja, é um processo de investigação sobre conhecimento prévio do estudante formado pelo senso comum que será lapidado na mediação e interação com o docente e demais colegas.

O docente B que tem formação na área de Sociologia está ciente das necessidades e preceções que permeiam o interior da disciplina. Comparada á pratica do docente A, sua mobilidade é maior, a sua fala demonstra a aquisição de várias estratégias didáticas e metodológicas para as aulas, na discussão com os seus discentes percebemos como ela divide essas estratégias por série, nesse ponto alguns questionamentos podem ser levantados como: analisar o perfil da turma e adequar determinadas estratégias didáticas, detectando se esta dinâmica poderá fazer parte de discussões em outras turmas, os seminários, por exemplo, é algo como vimos anteriormente que os alunos do primeiro ano médio solicitam como metodologia de aprendizado, sendo que o docente aplica apenas no segundo ano, refletir sobre até onde ir é, sobretudo, ativar a curiosidade epistemológica que dá segurança ao ensino.

Diante de toda socialização de contextualização e análises sobre o ensino da Sociologia no Ensino Médio fica esclarecido que o desafio maior é começar a pensar diferente, desconstruir as certezas no terreno das ações pedagógicas, não que formas tradicionais de ensino devam ser rejeitadas, pelo contrário, é tornar complementar o que foi positivo dessa forma de ensino e acrescentar a busca do novo, esse princípio de rigor metodológico resulta na quebra de paradigmas, principalmente da relação professor/aluno. Dialogar com os estudantes sobre os caminhos percorridos do processo de ensino-aprendizagem é abrir espaço para que a imaginação criativa do educador e educando estejam conectadas no intuito de desconstruir a imagem da aula chata, cansativa, em um momento e lugar que podemos dar e despertar o melhor de cada um. Os impactos de um ensino emancipador será, sobretudo conduzir os educandos ao desenvolvimento de sua criatividade e criticidade tendo o reconhecimento enquanto sujeito que modifica a realidade.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Julia Mayra Duarte; PIZZA, Laura Cristina Vieira. Análise do discurso em Foucault e o papel dos enunciados: pesquisar subjetividades nas escolas. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v.23, n.1, p. 81-94, jan.-jun. 2014
- ANTUNES, Isa Cristina Barbosa; SILVA, Rafael Oliveira da; BANDEIRA, Tainá da Silva. **A Reforma Universitária de 1968 e as Transformações nas Instituições de Ensino Superior**. Departamento de História-UFRN, 2014.
- ARIDA, Anna Livia Solon, et al. **Move. Avaliação e Estratégia em Desenvolvimento Social: Grupos Focais**. 2012.
- BARRÉRE, Anne; SEMBEL, Nicolas. **Sociologia da Escola**. Edições: Loyola, São Paulo, 2006.
- BAUMAN, Zigmunt, MAY, Tim. **Aprendendo a pensar com a Sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- BÔAS, Glaucia Villas. **A vocação das ciências sociais no Brasil: um estudo da sua produção em livros no acervo da Biblioteca Nacional, 1945-1966**– Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007.
- BODART, Cristiano das Neves; SILVA, Roniel Sampaio. Um “Raio x” do Professor de Sociologia Brasileiro: condições e percepções. **Estudos de Sociologia**, Recife, Vol. 2, n.22, 2016.
- BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista eletrônica dos Pós Graduated em Sociologia política da UFCS**. Vol 2, 2005.
- BOTELHO, Tarcísio Rodrigues. A família na Obra de Frédéric Le Play. Dados - **Revista de Ciências Sociais**, Vol.45, nº 3 Rio de Janeiro, 2002.
- BOURDIEU, P; CHAMBOREDON, J. C.; PASSERON, Jean-Claude. **A profissão de sociólogo: preliminares epistemológicas**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- CANDAU, Vera Maria. **A didática em questão**. Editora: Vozes, 25ª ed. Petrópolis, 2005.
- CARDOSO, Leila Aparecida Assolari; TOSCANO, Carlos. **A mediação pedagógica na sala de aula: o papel do professor na construção do conhecimento**. PDE/SEED – PR, UEL/PDE, Curitiba, 2011.
- CHACON, Vamireh. **Formação das Ciências Sociais no Brasil (DA Escola do Recife ao Código Civil)**. 2ª ed.- Brasília: Paralelo, Editora Unesp, LGE, 2008.
- Ciências Humanas e suas Tecnologias/Secretaria de Educação Básica**. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008: Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#!/site/inicio>. Acesso em: 02.Junho. 2017.

CIGALES, Marcelo Pinheiro. **A sociologia educacional no Brasil (1946-1971): Análise sobre uma instituição de ensino católica.** Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2014.

DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia.** 4.ed. São Paulo: Melhoramento, 1978. Tradução do Professor Lourenço Filho.

FILHO, Enno D. Liedke. A Sociologia no Brasil: história, teorias e desafios. **Sociologias**, Porto Alegre, ano7, nº 14, jul/dez 2005, p. 376-437.

FLORENCIO, Maria Amélia de Lemos. Orientadora: Prof^ª Dr^ª Alice Anabuki Plancherel. **A Sociologia no Ensino Médio: O percurso histórico no Brasil e em Alagoas.** Ano 2009.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam.** Editora: CORTEZ, São Paulo, agosto de 1982. ed. 21. A presente obra é disponibilizada pela equipe *Le Livros* e seus diversos parceiros.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia.** Saberes necessários á prática educativa. Paz e Terra/ Coleção Leitura. Ed. 25^a, 2002.

GREGOLIN, Maria do Rosario Valencise. **A análise do discurso: conceitos e aplicações.** Departamento de Lingüística - Faculdade de Ciências e Letras – UNESP Alfa, São Paulo, 39: 13-21,1995.

GONDIM, Sonia Maria Guedes. **Grupos Focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos.** Universidade Federal da Bahia. PAIDÉIA, 2003.

GUIMARÃES NETO, Euclides; GUIMARÃES, José Luís Braga; ASSIS, Marcos Arcanjo. **Educar pela Sociologia: contribuições para a formação do cidadão.** Belo Horizonte: RHJ, 2012.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática** – São Paulo: Editora Cortez, 1994.

LIMA, Damião de. **Campina Grande sob intervenção: A ditadura de 1964 e o fim do sonho regional/desenvolvimentista.** João Pessoa: Editora da UFPB, 2012.

LOPES JÚNIOR, Edmilson; TOMAZI, Nelson Dacio. **Sociologia e ensino em debate: Uma angústia e duas reflexões.** Ed. Injuí, Rio Grande do Sul,2004.

MARTINS, Pura Lúcia Oliver. **Didática Teórica/ Didática Prática. Para além do confronto.** 9.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008. (Coleção Magistério em ação).

MASETTO, M. **Didática:** a aula como centro. São Paulo: FTD, 1997.

MAZZA, Débora; vários autores. **Sociologia para educadores: A história da sociologia no Brasil contada pela ótica da sociologia da educação.** 4.ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2006.

MEUCCI, Simone. **A Institucionalização da Sociologia no Brasil: Os Primeiros Manuais e Cursos,** Dissertação (Mestrado em Sociologia), Campinas- São Paulo, Unicamp Biblioteca Central, Março, 2000.

- MILLS, C. Wright. **A imaginação sociológica**. 2ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- MOURA, Lisandro Lucas de Lima. **A imagem e o conhecimento: A educação do olhar no ensino de Sociologia no Ensino Médio**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Curso de Ciências Sociais, Porto Alegre, 2010.
- MORAES, Amaury César; GUIMARÃES, Elisabeth da Fonseca; TOMAZI, Nelson Dácio. **“Conhecimentos de Sociologia”**. Em: **Ciências Humanas e suas Tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação, 2006.
- NOGUEIRA, Oracy. **A sociologia no Brasil. História das Ciências Sociais no Brasil**. S.P: EPU: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1979-81.
- OLIVEIRA, Amurabi Pereira. Ensino de Sociologia: desafios epistemológicos para o Ensino Médio. **Revista Espaço Acadêmico** N° 119, Vol.1,2011.
- OLIVEIRA, Luiz Fernandes; COSTA, Ricardo Cesar Rocha. **Didática e Ensino de Sociologia: Questões Didático- Metodológicas Contemporâneas**. Academiaedu. 2012.
- PRADO, Cleidimara da Luz Carneiro. **Contribuições da didática para a compreensão da relação ensino e aprendizagem e a formação de professores**. Capivari - SP: CNEC, 2015.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. **Desenvolvimento das Pesquisas Sociológicas Empíricas no Brasil: Ontem e Hoje**. In.; I Seminário de Estudos Brasileiros – Encontro Internacional de Estudos Brasileiros - Introdução ao Estudo da Sociologia no Brasil. SP, USP, v. I e II, Setembro 1971.
- RADCLIFFE-BROWN, A.R. **Estrutura e Função nas Sociedades Primitivas**. American Anthropologist, Vol 37, traduzido por Asdrubal Mendes Gonçalves, julho-setembro de 1935.
- REZENDE, Maria José de. **A ditadura militar no Brasil: repressão e pretensão de legitimidade : 1964-1984** [livro eletrônico] – Londrina : Eduel, 2013.
- SARANDY, Flávio Marcos Silva. **A sociologia volta à escola: um estudo dos manuais de sociologia para ensino médio no Brasil**. Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.
- SILVA. Graziella Moraes Dias da. **Sociologia da sociologia da educação: caminhos e desafios de uma policy science no Brasil (1920-1979)**. Bragança Paulista, Editora da Universidade São Francisco, 203 pág., ano 2003.
- SILVA, Ileizi Fiorelli. A Sociologia no Ensino Médio: Os Desafios Institucionais e Epistemológicos para a Consolidação da Disciplina. **Cronos**, Natal-RN, v. 8, n. 2, p. 403-427, jul./dez. 2007.
- TEXEIRA, Rosana da Câmara. **Dilemas e perspectivas da sociologia na educação: Currículo de Sociologia e a escolarização dos jovens**. Rio de Janeiro: E-papers, 2012.
- VARGAS, Francisco E. Beckenkamp. **O ensino da sociologia: dilemas de uma disciplina em busca do reconhecimento**. Ano de publicação: 2011. Disponível em: < <http://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2011/10/ARTIGO-O-Ensino-da-Sociologia.pdf> .>.

**APÊNDICE A -
INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS, ROTEIRO
DE CONDUÇÃO DE ENTREVISTA**

**INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS, ROTEIRO
DE CONDUÇÃO DE ENTREVISTA**

PARTE 1 (Ensino)

- 1-Há quanto tempo você leciona?
- 2-Você tem formação na área de Sociologia?
- 3-Você encontra dificuldades ao ensinar Sociologia? Por quê?
- 4-Que concepção você tem sobre ensino?

PARTE 2 (Recursos/ Metodologias)

- 5-De que forma você costuma trabalhar o ensino da Sociologia?
- 6-A instituição a qual você foi formada estimulou ou deu suporte com relação á metodologias para o ensino?
- 7-Você considera que os recursos, a exemplo de materiais pedagógicos disponibilizados para os alunos são suficientes?
- 8-Qual a relevância de adotar didáticas e metodologias diferentes nas aulas de Sociologia? Só isso basta ou a postura metodológica do professor interfere?
- 9- As Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (OCN) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) definem a Sociologia como disciplina que tem o intuito de formar cidadãos críticos. Desta forma, como você avalia essa premissa?
- 10- - Há pelo menos três tipos de recortes que são reiterados nas propostas curriculares para o Ensino de Sociologia no nível médio: conceitos, temas e teorias. De que forma você trabalha esses recortes em sala de aula?

APÊNDICE B -

**INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS, ROTEIRO DE
QUESTÕES PARA CONDUZIR GRUPO FOCAL**

**INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS, ROTEIRO DE
QUESTÕES PARA CONDUZIR GRUPO FOCAL**

Qual foi o percurso de vocês até aqui no Ensino Médio?

Qual disciplina vocês mais gostam ou se identifica? Por quê?

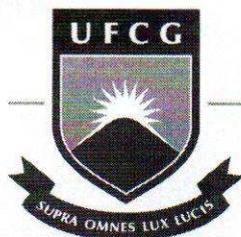
Vocês gostam da disciplina de Sociologia? Vocês consideram que ela é importante?

De que forma o professor/a de vocês apresenta a disciplina de Sociologia?

Em que momento vocês conseguem compreender melhor os conteúdos sociológicos?

Nas aulas de Sociologia seu professor/a costuma usar metodologias diferentes? Quais?

Que tipo de recursos e didáticas vocês mais gostam que o professor/a utilize no intuito de facilitar o ensino e aprendizagem?



Universidade Federal
de Campina Grande

Prezado (a) colaborador (a),

A discente **Samara Filismino de Lima** aluna do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido-CDSA da Universidade Federal de Campina Grande-UFCG, sob orientação do professor **Drº Wallace G. Ferreira de Souza**, está realizando uma pesquisa de campo que irá resultar em Monografia. O trabalho é parte das atividades acadêmicas para conclusão do curso. Para efetivação desse estudo, gostaríamos de contar com sua relevante colaboração, recebendo a estudante, respondendo às informações solicitadas e permitindo a gravação necessária à produção do material acadêmico.

Por fim, colocamo-nos à sua disposição para esclarecer qualquer dúvida que necessite, através dos e-mails: **wallace.ferreiradesouza@gmail** (orientador da pesquisa) ou **samara.felismino.lima@gmail.com** (orientada).

Desde já agradecemos a atenção dispensada, bem como a disposição em atender a aluna e contribuir para o desenvolvimento das atividades discentes.

Cordialmente,


WALLACE G. FERREIRA DE SOUZA
PROFESSOR ADJUNTO
UACIS/CDSA/UFCG
MAT/STAPE: 2081790
Orientador do trabalho

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Assinando este termo, estou concordando em participar da pesquisa da discente **Samara Filismino de Lima** acima mencionado, sob orientação do Prof. **Drº Wallace G. Ferreira de Souza**, docente da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido-CDSA da Universidade Federal de Campina Grande-UFCG.

Sumé-PB, _____ de _____ de 2017

Assinatura/rubrica do participante